

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

THAÍS ROHLING GIRARDI

O CONSUMO NA PERSPECTIVA DA RACIONALIDADE

FLORIANÓPOLIS

2004

THAÍS ROHLING GIRARDI

O CONSUMO NA PERSPECTIVA DA RACIONALIDADE

Trabalho de Conclusão de Estágio apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado – CAD 5236, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, área de concentração em Marketing.

Professora Orientadora: Edinice Mei Silva

FLORIANÓPOLIS

2004

THAÍS ROHLING GIRARDI

O CONSUMO NA PERSPECTIVA DA RACIONALIDADE

Este Trabalho de Conclusão de Estágio foi julgado adequado e aprovado em sua forma final pela Coordenadoria de Estágios do Departamento de Ciências da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, em 28 de junho de 2004.

Prof. Sinesio Stefano Dubiela Ostroski
Coordenador de Estágios

Apresentada à Banca Examinadora integrada pelos professores:


Professora Edinice Mei Silva
Orientadora


Professor Guilherme Silveira Correia
Membro


Professor Hans Michael Van Bellen
Membro

À meus melhores amigos, Bruno e Carolina, que demonstraram empiricamente a teoria do amor incondicional, o amor de pai e o amor de mãe.
À professora Edinice que para mim revelou-se muito mais que uma excelente orientadora, mas também uma grande amiga.

Ao Cris, por compartilhar comigo uma das melhores coisas da vida!

À Deus por me proporcionar a feliz coincidência de conviver no mesmo espaço e tempo que estas pessoas, cujo comportamento, integridade, caráter, discernimento e inteligência moldaram o meu vir a ser.

"Para ser grande, sê inteiro:
nada teu exageres ou exclus.
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és no mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda brilha,
Porque alta vive".
(Fernando Pessoa)

RESUMO

GIRARDI, Thaís Rohling. **O consumo na perspectiva da racionalidade**. 2004. (84f.). Trabalho de Conclusão de Estágio (Graduação em Administração). Curso de Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

A presente pesquisa teve como tema principal o consumo na perspectiva da racionalidade. Para tal abordagem optou-se por uma investigação empírica da racionalidade presente em consumidores de yoga e de musculação. Procurou-se verificar manifestações da racionalidade substantiva e da racionalidade instrumental no consumo por meio da análise dos elementos que as compõe e as caracterizam. Como características da ação de consumo racional substantiva foram consideradas: a preocupação com o social, a obediência a valores morais referentes à subjetividade do indivíduo, a ética, a autonomia, a consciência, a auto-realização. Para análise da presença da racionalidade instrumental no consumo foram considerados elementos como a obediência a valores econômicos ou de poder social, como status, o pragmatismo, o individualismo, o cálculo utilitário, a adaptação social, entre outros. Metodologicamente, a presente pesquisa apresentou natureza qualitativa, caracterizando-se por uma pesquisa exploratória, descritiva, de campo e que teve como principal instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada. O referencial teórico básico apoiou-se nas teorias acerca da racionalidade humana e de como o uso desta racionalidade relaciona-se com as formas de consumo em uma sociedade. O resultado desta pesquisa foi a verificação da manifestação dos elementos da ação de consumo racional substantiva atuando de forma mais evidente entre os praticantes de yoga e, os elementos que caracterizam a ação de consumo racional instrumental nos praticantes de musculação.

Palavras-chave: consumo, racionalidade, racionalidade substantiva, racionalidade instrumental.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Contextualização.....	8
1.2 Problema de pesquisa.....	10
1.3 Objetivos.....	11
1.3.1 Objetivo Geral.....	11
1.3.2 Objetivos Específicos.....	11
1.4 Justificativa.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 Racionalidade.....	13
2.1.1 Racionalidade na antigüidade.....	13
2.1.2 Uma nova forma de pensar a razão.....	15
2.1.3 Razão, a luz que guia o mundo.....	16
2.1.4 A razão em Weber e outros.....	17
2.1.5 O domínio instrumental e suas conseqüências.....	23
2.2 O grande encontro: razão e consumo.....	29
2.2.1 Um Outro Encontro.....	34
2.3 Serviços.....	38
3. METODOLOGIA.....	40
3.1 Tipo de pesquisa.....	40
3.1.1 Com relação aos objetivos.....	40
3.1.2 Com relação as técnicas utilizadas.....	41
3.2 Coleta de dados.....	42
3.3 Sujeitos de pesquisa.....	43
3.4 Limitações do Método.....	44

4. ANÁLISE DOS DADOS.....	45
4.1 Musculação.....	45
4.2 Yoga.....	47
4.3 Pesquisa de Campo.....	49
4.3.1 Pesquisa com os praticantes de yoga.....	49
4.4.2 Pesquisa com os praticantes de musculação.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	81
APÊNDICE.....	83

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

Vivemos em um mundo onde a maioria dos processos e atividades desenvolvidas, sejam elas privadas ou públicas, individuais ou sociais, são afetadas direta ou indiretamente pelo mercado. Esta realidade é decorrente e característica de uma sociedade centrada no mercado em que se aceita que é, através dos processos auto-reguladores deste, que a sociedade rumará para o progresso.

As atividades, estruturas, processos e regras encontradas neste tipo peculiar de sociedade são resultados quase que exclusivos das relações de consumo existentes nesta. Acredita-se veementemente ainda que apenas estas relações são o caminho, o meio através do qual uma sociedade alcança o progresso econômico e a melhoria do bem estar social. Somam-se a este quadro as inúmeras representações e significados que são atribuídos aos atos de consumo para compreendermos sua importância na formação de uma sociedade.

O agente, o ator destaque do contexto apresentado é o consumidor que exercendo sua ação principal torna-se ao mesmo tempo parte integrante e construtor deste mundo econômico.

O consumidor é, antes de tudo, ser humano e deve ser assim entendido pelo seu atributo único da razão. Esse atributo e seu exercício, através da racionalidade, da consciência, do pensamento, é o que diferencia os homens dos animais, pois agimos pensando, e não por simples e puro instinto.

Constata-se então que o ato exercido pelo consumidor, o consumo, é o grande responsável por determinar o funcionamento e as bases de uma sociedade e que este agente por sua vez é dotado de uma razão que, supostamente, é utilizada no exercício de consumir.

Uma conclusão lógica derivada desta constatação é de que o consumidor agiria racionalmente de forma que seu ato de consumo engendraria uma sociedade que lhe proporcionasse uma melhor qualidade de vida, um bem estar e um bem viver.

Porém, o que nos salta aos olhos é um espaço para viver que mais lembra um campo de batalhas marcado pela degradação ambiental, pela insegurança e pelo constante estado de tensão e competição. Com certeza este não é um mundo almejado pelo mais limitado consumidor racional, ficando aí o questionamento: será que os indivíduos tornaram-se seres irracionais enquanto consumidores?

Uma das explicações defendida por muitos pesquisadores, dentre eles Guerreiro Ramos (1989), é de que o mundo caótico em que vivemos é resultado do predomínio do uso de um tipo de racionalidade, a instrumental, que sucumbiu ao uso de uma outra, a substantiva. A primeira, por ser desprendida de premissas ético-valorativas e por ter como foco o sucesso individual e o êxito econômico, seria incapaz de ensejar espaços gratificantes para os indivíduos. Este tipo de racionalidade, ao contrário, só estimula os indivíduos a se lançarem numa competição permanente, fomentando uma insegurança psicológica, a degradação da qualidade de vida, a poluição e o desperdício de recursos naturais do planeta (SERVA, 1997).

Por outro lado através do uso da outra racionalidade, a substantiva, os indivíduos poderiam conduzir sua vida na direção da auto-realização e da emancipação, contrabalanceando essa busca com o direito dos outros indivíduos de também fazê-lo (SERVA, 1997). Esta racionalidade baseada no debate racional e no julgamento ético-valorativo das ações seria o fundamento capaz de produzir uma sociedade digna de vivência e convivência pelos indivíduos.

Este tipo de pensamento, embora não com esta abordagem, é constante entre pesquisadores que se dedicam em definir as formas de consumo que resultariam em uma sociedade melhor. Ervin Laszlo (2003), por exemplo, diz que a grande oportunidade está em

aproveitar o atributo da consciência subjacente e exclusiva do ser humano, para nos tornarmos conscientes do nosso papel de consumidores e da necessidade de mudança como agentes culturais da humanidade. O fato de termos uma mente consciente, nos diferencia de todas as outras espécies e nos incute o poder da percepção para conduzirmos e guiarmos nossa própria evolução. Para Laszlo (2003) os conceitos que hoje guiam a evolução humana, como conquistar, colonizar e consumir, devem ser abandonados e substituídos por ações como conectar, comunicar e compreender. Para isso, propõe uma nova ética em que toda ação humana é consciente do direito que todo o indivíduo tem de trabalhar, viver, de desenvolver habilidades, de se tornar completo e cooperativo. Esta ação é aliada a uma consciência de preservação das condições do planeta para abrigar as novas gerações que virão, criando um caminho de desenvolvimento. Verifica-se que esta ética proposta por Laszlo (2003) vai ao encontro da característica defendida por Guerreiro Ramos e abordada anteriormente, como natural do ser humano, a racionalidade substantiva.

O que se pode compreender com o explanado até aqui é que o uso de determinado tipo de racionalidade bem como a predominância de uma em detrimento da outra influenciarão as relações de consumo em uma sociedade. Desta relação entre racionalidade e consumo, muitos questionamentos podem ser derivar, como por exemplo: o que aconteceu para atualmente termos um predomínio da racionalidade instrumental? Como este predomínio afetou e afeta as relações de consumo? Como seria um consumo pautado na racionalidade substantiva?

1.2 Problema de pesquisa.

O que se pretende com esta pesquisa, portanto, é oferecer uma melhor compreensão destes questionamentos e a pergunta que a guiou é a seguinte: Como explorar as relações de consumo na perspectiva da racionalidade instrumental e substantiva?

1.3 Objetivos

Para responder ao problema da pesquisa expõe-se os objetivos geral e específico.

1.3.1 Objetivo Geral

Identificar manifestações da racionalidade substantiva e da racionalidade instrumental no consumo.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Explorar as relações entre racionalidade e consumo.
- Verificar como a racionalidade se apresenta no processo de consumo.
- Elaborar um quadro de análise que permita definir a partir de dados empíricos as características do consumo racional instrumental e do consumo racional substantivo.
- Verificar empiricamente manifestações do consumo racional instrumental e do consumo racional substantivo.

1.4 Justificativa

A escolha dos temas que são abordados e delimitam a pesquisa tiveram como critério o grau de entusiasmo e curiosidade despertados na pesquisadora.

A questão da racionalidade foi apresentada á pesquisadora no final do curso de administração despertando nesta uma grande motivação em explorá-la e compreendê-la mais, devido a sua complexidade e pouca abordagem encontrada relacionada ao consumo.

O tema sobre consumo surgiu como fruto da convivência e da participação da pesquisadora no NECCCAA, um núcleo de estudos da UFSC, que tem como uma das linhas de pesquisa o consumo consciente e o comportamento do consumidor. Os assuntos estudados

vieram ao encontro da vontade da pesquisadora em explorá-los e de contribuir para que estes ganhem sua consciência requerida e necessária.

A presente pesquisa, portanto, se mostra oportuna por contribuir para uma melhor compreensão de como se dá a experiência do consumo e por querer, através desta compreensão, engendrar uma mudança na cultura existente, fornecendo subsídios para um mundo mais sustentável e justo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A parte que se segue neste trabalho procurará explorar empiricamente os temas relacionados na pesquisa de tal forma que estes sirvam como base para a conclusão do objetivo final.

2.1 Racionalidade

A racionalidade, ao longo da história, sempre foi tema de grandes discussões, principalmente entre grandes filósofos, e teve, da antigüidade ao mundo contemporâneo, seu conceito e uso alterado de várias formas. Na seqüência será explorado este tema percorrendo desde o entendimento antigo de razão até as definições atuais.

2.1.1 Racionalidade na antigüidade.

A racionalidade, considerada por milênios, atributo exclusivo da espécie humana, sempre esteve presente nas discussões filosóficas. Desde a Antigüidade, os grandes pensadores dedicam-se a alargar sua compreensão a respeito dos processos do pensamento e da motivação para ação.

Sócrates (470-399 a.C.) postulou que a razão era a principal característica humana responsável pela capacidade do homem de dominar seus instintos e sua irracionalidade (CORREIA; DORNELES, 2003). Estava aí a principal faculdade que nos diferenciava dos animais.

Para Platão (428-347 a.C.), é através da razão que o homem tem acesso ao conhecimento e esse o definia como uma crença justificada. Tal justificação se dá por um processo epistemológico que finda em uma segurança de certeza racional, um fundamento, tornando a crença objetiva, discursiva e fundamentada em razões.

A razão, para Aristóteles (PIZZA, 1996), é parte integrante da alma humana que admite duas faculdades racionais, uma científica e uma calculativa. A razão, portanto seria utilizada como instrumento de cálculo sendo a diferença estabelecida pela excelência ou deficiência moral explica o filósofo grego.

Os primeiros princípios das ações que praticamos estão na finalidade a que elas visam, mas as pessoas desgastadas pelo prazer ou pelo sofrimento fracassam inteiramente quando se trata de discernir qualquer destes primeiros princípios - de discernir que por causa destes ou por estes elas devem escolher e praticar todos os atos que elas escolhem e praticam - pois a deficiência moral destrói os primeiros princípios (PIZZA, 1996, p.2).

Embora a razão, segundo Aristóteles, auxilie na concretização do objetivo final, este último não poderá ser determinado pela primeira, mas é a moral do indivíduo, seja ela natural ou produzida pelo hábito que ensinará os pontos de partida.

Granger (1955), ao resgatar a razão, segundo os pensadores do passado, identifica três características principais. A primeira, já abordada anteriormente, é o entendimento da razão como função para obter o conhecimento autêntico e comprovado que atinge a realidade, opondo-se "particularmente ao conhecimento imediato dos sentidos, da opinião da simples rotina pois visa o universal e exige uma justificação" (GRANGER,1955, p.14).

A segunda constante do pensamento grego é a distinção entre dois graus de razão, uma elevada e uma inferior. Uma seria a razão discursiva, caracterizada pelo pensamento articulado, fragmentado e calculado; já a outra seria uma razão intuitiva que ao contrário, captaria as verdades apenas pela operação da apreensão direta das essências.

Finalmente, para os antigos filósofos, a razão não é somente um instrumento para obtenção de conhecimento teórico, mas deve ser aplicada na prática com sabedoria e prudência. E como filosofou Aristóteles, a virtude da prudência consiste em visar o que o homem pode fazer de melhor seguindo os planos da razão que são dirigidos por uma regra presente no nosso espírito de procurar em tudo o meio termo, ser virtuoso. Portanto, ninguém

será prudente, isto é, razoável em seus atos "sem ser virtuoso, sendo a primeira condição da virtude a razão" (GRANGER, 1995, p.15).

O que se destaca na razão clássica, é que a ciência política era então a ciência dominadora, portanto toda aplicação da razão concentrava-se em aperfeiçoar as técnicas de governança, e não em tornar o trabalho humano mais eficaz. Para os filósofos clássicos, ainda, a razão é indissociada de julgamento ético e está associada à noção de que as ações humanas são empreendidas com vistas a consecução do bem, do viver bem (PIZZA, 1996). Era, portanto, a ordenadora da vida pessoal e social, pois, habilitava o indivíduo a distinguir entre o bem e o mal, entre o conhecimento falso e verdadeiro, estando presente na alma, no espírito e na mente deste (RAMOS, 1989).

2.1.2 Uma nova forma de pensar a razão

A ruptura nesta forma de definir a razão e seu uso ocorre com Descartes que com sua obra "O Discurso do Método" inicia uma nova era de "pensar" a razão. Descartes concebe o método matemático, que oferece verdades encadeadas e certas, como o método geral de análise do pensamento, o instrumento de todo o conhecimento demonstrativo (GRANGER, 1969). Pode-se agora então, com a descoberta da fonte originária do pensamento racional, o método matemático, fundar uma ciência racional a cerca de, nada mais, do que tudo. E esta ferramenta esta a serviço do homem, podendo esse acessá-la a qualquer momento.

Soma-se, à visão cartesiana descrita, a definição de Hobbes (RAMOS, 1989) de razão, como sendo a capacidade que o indivíduo adquire pelo esforço e que o habilita a fazer o cálculo utilitário das conseqüências, para destituir da razão qualquer relação de essência ordenadora da vida e incuti-la nos contornos da visão moderna de utilidade. Através de Descartes e Hobbes são

lançadas as bases da sociedade moderna já que a preocupação com o entendimento do mundo de si próprio e da natureza deixa de ser relevante e prioritária passando a prevalecer o que é útil [...], adquirindo prestígio e predominância atitudes consideradas indignas do cidadão, como por exemplo a acumulação de bens como objetivo principal da vida.(PIZZA,1993, p.3)

2.1.3 Razão, a luz que guia o mundo.

A modernidade "iluminada" então pela razão é o momento histórico em que a humanidade seria libertada da ignorância, levada a conquista da autonomia e da autodeterminação, e o homem tornar-se-ia responsável pelo seu próprio destino e consciente de sua realidade.(OLIVEIRA, 1992).

Gianneti (2002) relata que, para os iluministas, a combinação do saber científico, do domínio da natureza pela tecnologia, da emancipação da mente, da transformação das instituições em bases racionais e do aprimoramento intelectual e moral dos homens resultariam em um progresso da civilização jamais ousado na mente de qualquer indivíduo.

A crença no feliz destino da humanidade foi logicamente demonstrada por muitos pensadores da época iluminista que tinham como alicerce a equação: razão = virtude = felicidade. Priestley (*apud* Gianneti, (2002), por exemplo, postulou, que o aumento do saber levaria a uma emancipação do poder humano e à conseqüente dominação da natureza e de suas leis. Assim, o indivíduo manipularia tudo de forma a tornar sua vida no mundo mais tranqüila, confortável e longa, portanto, mais feliz, estando apto a transmitir esta felicidade aos demais.

A fórmula da felicidade era também ratificada pela crença iluminista na perfectibilidade humana demonstrada nas palavras de Condorcet em que "a bondade do homem é suscetível de um aprimoramento ilimitado e que a natureza vincula estritamente numa corrente indissolúvel, a verdade a felicidade e a virtude" (GIANETTI, 2002, p.25).

2.1.4 A razão em Weber e outros

A "Era da Razão", no século XVIII, é marcada também pela ascensão de uma nova classe social, a burguesia, que se torna o combustível do sistema econômico e grande massa reivindicadora. A atenção volta-se para a política na busca de engendrar uma teoria racional de governo, de liberdade e de justiça que substituísse os dogmas existentes, impostos pela igreja e pela monarquia. E, como esclarecido por Pizza (1993), a razão passa a significar o certo, as emoções passam a ser vistas como atitudes que devem ser evitadas e o paradigma científico que resplandece é o de uma atitude neutra, refratária a emoções e sentimentos do cientista perante o universo que pretende explorar. A ciência ainda é consubstanciada na suposição da racionalidade absoluta e imutável da natureza, sendo que o mesmo referencial foi assumido pelas ciências sociais acreditando que, como na natureza, uma harmonia espontânea poderia imperar nas sociedades tendo como elemento explicativo o sistema de trocas econômicas (BARRETO, 1993).

Neste estudo do funcionamento das relações sociais, uma das grandes contribuições foi dada por Max Weber (1864-1920) que pretendeu compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la em seu curso e em seus efeitos. Influenciado pelo paradigma científico da época, em que o termo razão estava ligado a ações humanas adequadas e corretas, Weber procedeu com a definição de parâmetros, necessários para se chegar aos postulados de sua pesquisa. (BARRETO,1993). Embora sem intenção, o sociólogo, na definição destes parâmetros, acabou por estabelecer os padrões de comportamento considerados racionais na sociedade moderna.

Os estudos de Weber partiram da definição de ação e ação social. Enquanto a ação é o comportamento humano relacionado com um sentido subjetivo, a ação social, quanto ao seu "sentido visado se refere ao comportamento dos outros, orientando-se por este em seu curso" (WEBER, 1991, p. 3). A dogmaticidade do sentido não é questionada por Weber, ou seja, não

se trata de um sentido objetivamente correto ou verdadeiro obtido por indagação metafísica. Escolheu ele, como definido por Ramos (1989), a resignação, isto é, a neutralidade em face dos valores.

Por conveniência metodológica, Weber determinou a ação ideal como aquela que na sua construção é orientada pelo fim de maneira estritamente racional, pois somente assim seria possível compreendê-la sem equívocos de forma a evidenciá-la, ou seja, torná-la científica. Assim, ações condicionadas por impulsos afetivos são consideradas como irracionais, ou como desvios que influenciam o curso de uma ação orientada de maneira puramente racional pelo seu fim (WEBER, 1991, p.5).

A ação social então, como toda ação poderia ser determinada de quatro formas distintas, sendo duas consideradas modos racionais de ação e outras duas não.

As ações consideradas por Weber (1991) como não racionais são o comportamento estritamente tradicional e o estritamente afetivo, pois não são consideradas como ações conscientemente orientadas pelo sentido. O primeiro por não passar de uma "imitação puramente reativa" uma "reação a estímulos habituais que decorre na direção da atitude arraigada" e o segundo por ser uma ação desenfreada de um estímulo não cotidiano (WEBER, 1991, p.15).

O caminho para uma ação racional estaria na tomada de consciência, na constatação pelo indivíduo de que suas ações foram resultados de determinados estados emocionais e, desta forma, poderiam ser entendidas como ações racionais referentes a valores e referente aos fins.

A ação referente á valores é aquela em que o sentido da ação não esta no resultado que a procede e sim na própria ação em sua peculiaridade. Somente é considerada uma ação puramente racional referente a valores quando o indivíduo

age a serviço de sua convicção sobre o que parece ordenar-lhe o dever, a dignidade, as belezas, as diretrizes religiosas, a piedade ou a importância de uma causa de qualquer natureza, [...] é uma ação segundo mandamentos ou de acordo com exigências que o agente crê dirigidos a ele. (WEBER, 1991, p. 15).

Quando a ação é orientada aos fins, meios e conseqüências secundárias, ela é então entendida e classificada como ação racional referente a fins.

Weber (*apud* CORREIA;DORNELES, 2003) associou a cada ação social racional, portanto referente a fins e a valores, o uso de uma racionalidade determinada. Denominou de racionalidade substantiva aquela utilizada na ação racional referente a valores sendo determinada independentemente de suas expectativas de seu curso, e não caracteriza nenhuma ação humana interessada na consecução de um resultado ulterior a ela. Denominou racionalidade formal ou prática, a ação referente a fins, sendo esta determinada por uma expectativa de resultados ou fins calculados.

O autor destaca que só, muito raramente, a ação, e particularmente a ação social, é orientada exclusivamente de uma ou de outra maneira, de forma que os conceitos apresentados são tipos puros para fins sociológicos não esgotando de forma alguma a classificação de todos os tipos possíveis.

Percebe-se, portanto, a posição metodológica consciente de Weber, ou seja, ele compreendia o necessário procedimento para que se pudesse estudar, estruturar uma teoria das relações sociais. Ele não procedeu de forma fundamentalista, uma vez que tinha consciência de estar analisando o funcionamento do mercado de uma época singular. E descreve esta lógica (de mercado) como um complexo heurístico em afinidade com uma forma peculiar de sociedade, o capitalismo, ou a moderna sociedade de massa (RAMOS, 1989).

Para cada racionalidade proposta por Weber (PIZZA, 1996), foi associada uma ética. Assim, a racionalidade instrumental, está associada a uma ética de comprometimento, encontrada nas organizações burocráticas, comprometidas com uma moral típica, peculiar,

voltada para o aspecto produtivo, sendo que os resultados de seu desempenho são justificados por este tipo de ética.

Procedendo desta forma, Weber empresta ao capitalismo o sentido moral, edificante e legal, pois, este nada mais seria do que o uso da racionalidade instrumental, portanto portador de uma ética, que designa que a natureza das ações práticas na sociedade moderna obedece a objetivos e valores econômicos (BARRETO, 1993).

Já a racionalidade substantiva esta associada uma ética de valor absoluto, pois os seres humanos, diferentemente das organizações, são regidos por outros tipos de interesse, indiferente a um julgamento relativo (PIZZA, 1996).

Como analisado por Vasconcelos (1993), embora o indivíduo participe ativamente de todo o processo organizacional, que planeje e execute, que adeque meios e fins e que se utilize, dos recursos disponíveis para atingir determinado objetivo, em nenhum momento ele se pergunta o porquê de tudo isso, o porquê do fim, do objetivo, pois esta discussão não se encaixa dentro do raciocínio instrumental, dentro do processo indicado pertinente as organizações.

"Compreendeu o sociólogo alemão Max Weber que o ser humano não é destituído de razão pelo fato de incidentalmente transformar-se em peça de engrenagem produtiva, [portanto de colaborar para a execução de objetivos (racionalidade instrumental) que não são a princípio de seu interesse,] mas sim que implicitamente abre mão de sua prerrogativa de julgamento [racionalidade substantiva] sempre que passa a fazer parte de um universo planejado para a produção." (PIZZA, 1996, p.10)

Após a descrição da racionalidade proposta por Weber, muitos autores que o procederam contribuíram de forma significativa para um melhor esclarecimento acerca do assunto de modo a analisar suas implicações e conseqüências práticas no cotidiano do convívio social.

Kalberg (*apud* FERREIRA, 2004; CORREIA; DORNELES, 2003) por exemplo, procurou analisar os tipos de racionalidades propostos por Weber, e apresentou a racionalidade prática como aquela acessada diariamente pela necessidade do indivíduo de atingir seus fins, normalmente pragmáticos e egoístas. É a ação racional, em que os fins justificam os meios, que na prática seria demonstrada pela aceitação da realidade apresentada e pelo cálculo do melhor modo de lidar com as dificuldades surgidas, inexistindo, portanto, qualquer tipo de questionamento. A substantiva é entendida como aquela relacionada a valores morais, referentes a subjetividade do indivíduo, a sua característica de ser humano, sendo exemplificada pela amizade quando envolve a aderência por valores como lealdade, compaixão e assistência mútua. Outra racionalidade analisada é a formal, baseada nas regras e regulamentos para atingir coerência com relação aos recursos utilizados visando aos fins, sendo este o tipo de dominação encontrada nas burocracias (CORREIA;DORNELES, 2003).

Mannheim, (*apud* RAMOS,1989) retomando aos conceitos a cerca da racionalidade, deu-lhes contornos descritos mais precisos, chamando a ação racional quanto aos fins de racionalidade funcional e de racionalidade substancial a relacionada a valores.

Define a racionalidade substancial como um "ato do pensamento que revela percepções inteligentes das inter-relações dos acontecimentos numa situação determinada" e que ações deste tipo possibilitam uma vida orientada por julgamentos "independentes", constituindo a base de uma vida humana ética e responsável. (MANNHEIN, *apud* RAMOS, 1989, p.6). Desta definição entende-se que a racionalidade substancial é a que habilita o indivíduo a fazer conexões, analisar, criticar, entender e por fim extrair a sua interpretação e verdade acerca dos fatos.

A racionalidade funcional esta relacionada a atos organizados entendidos como meios de atingir uma meta, designando a ação que contribui para a consecução de um objetivo.

Guerreiro Ramos, que em seus estudos procurou elaborar uma teoria social baseada na racionalidade substantiva, definia esta como o meio através do qual os indivíduos poderiam conduzir a sua vida pessoal na direção da auto-realização e da emancipação, contrabalanceando esta busca com o alcance da satisfação social, ou seja, levando em conta o direito dos outros indivíduos de fazê-lo. “As chaves para esse balanceamento seriam o debate racional e o julgamento ético valorativo das ações” (SERVA, 1997, p. 19).

Já a racionalidade instrumental se apresenta na busca do sucesso individual, despreendida de ética, apenas pautada no cálculo utilitário e no êxito econômico e que para Guerreiro Ramos (*apud* SERVA, 1997) é a que prevalece como lógica subjacente às ações determinando o padrão de sucesso a ser atingido. Este sucesso é orientado pelas leis de mercado e egocêntrico por natureza.

Serva (1997) que buscou dar continuidade ao trabalho de Guerreiro Ramos, concentrou suas pesquisas para demonstrar na prática o uso da racionalidade nos processos organizacionais. Embora seu foco tenha sido o ambiente de empresas, destaca-se a definição dada pelo autor de ação racional instrumental e ação racional substantiva bem como seus principais elementos.

A ação racional substantiva definida por Serva (1997) é aquela orientada tanto para a dimensão pessoal/individual quanto para a dimensão social/grupal. A primeira dimensão refere-se a auto realização compreendida como concretização de potencialidades e satisfação enquanto que a segunda refere-se ao entendimento, nas direções das responsabilidades e satisfações sociais. Os elementos constituídos da ação racional substantiva são: auto-realização, entendimento, julgamento ético, autenticidade, valores emancipatórios e autonomia.

"A ação baseada no cálculo, orientada para o alcance de metas e técnicas ou de finalidades ligadas a interesses econômicos, ou de poder social através da maximização dos

recursos disponíveis" foi assim entendida por Serva (1997, p. 22) como a ação racional instrumental. Seus principais elementos elencados são: o cálculo, o fim, a maximização dos resultados, o desempenho, a utilidade, a rentabilidade e a estratégia interpessoal.

2.1.5 O domínio instrumental e suas conseqüências.

Esta submissão do homem aos imperativos do processo organizacional era limitada na sociedade pré-industrial, pois, a economia ocupava espaço restrito permitindo ao homem participar de vários grupos sociais e as organizações não eram as grandes responsáveis pela socialização do homem, permitindo que ele criasse uma visão de mundo particular. (RAMOS, apud CLEMES, 1996).

Porém, com a revolução industrial, a terra, o trabalho e o capital são transformados em mercadorias, para as quais deve haver um mercado, compradores e vendedores. A economia de mercado tinha satisfeito as prévias condições de sua operacionalização e sua racionalidade formal passa a modelar as formas de relação social paralelas aos sistemas econômicos, passando a existir numa sociedade de mercado (CLEMES, 1996). Sem a regulação de uma política externa, a sociedade capitalista de mercado confirma uma trajetória irreversível de auto - regulação.

O agir voltado para valores e objetivos econômicos consolida-se como padrão orientador de comportamento na sociedade industrializada, pois o objetivo final das organizações tornou-se predominante.

A essência da razão iluminista perde assim toda sua característica inicial transformando-se em razão instrumental, isto é, instrumento para manutenção do poder através da dominação e repressão, pois todo o saber, foi direcionado para a ciência e para técnica em detrimento da emancipação humana.

Logicamente isto foi decorrência do interesse das organizações econômicas e industriais no constante aprimoramento de seus processos para torná-los mais eficazes. Com a proliferação e domínio destas organizações sobre a sociedade, o ensino da técnica é imposto e fomentado e, se "nos períodos anteriores, o pensamento e o sistema escolar se dirigiam aos questionamentos filosóficos e metafísicos a respeito do bem e do mal, da moral do sentido da vida e da morte," na era moderna tudo isso se torna sinônimo de perda de tempo, devaneio ou um simples *hobby* (VASCONCELOS,1993 p.8).

Mannheim contribuiu de forma relevante para o entendimento da racionalidade na sociedade moderna. O autor deixou claro que, na sociedade moderna, os objetivos predominantes são os da organização a qual pertence o indivíduo, assim, quanto mais industrializada uma sociedade, mais avançada a divisão do trabalho e a sua organização, ampliando-se os espaços que fomentam o uso da racionalidade funcional. (CORREIA, DORNELES, 2003).

Com a industrialização, a racionalidade funcional impera, e como consequência reduz a capacidade do indivíduo de utilizar sua racionalidade substancial. O resultado é a perda da capacidade de sadio julgamento pelo declínio da faculdade de crítica, de percepção e de responsabilidade do indivíduo. O problema se alastra quando, as decisões são tomadas sem levar em conta a existência das duas racionalidades, e por praticidade e pragmatismo, o indivíduo aceita a racionalidade funcional como padrão da vida humana e se vende por completo às exigências dela (RAMOS,1989).

Esta ênfase na racionalidade instrumental leva a uma distorção que deixa as pessoas desorientadas quanto à finalidade e o significado do que fazem, pois, o como fazer se sobrepõe ao quê fazer e o porquê fazer como colocado por Vasconcelos (1993).

A ignorância da sociedade moderna em relação a racionalidade substancial é tal, que ela acaba por aceitar e internalizar que o racional é somente a cálculo dos meios adequados para que os fins escolhidos sejam atingidos.

Uma grande contribuição a cerca dos pressupostos, das interpretações e das conseqüências da razão iluminista e da sua herdeira a razão capitalista foi dada pela chamada escola de Frankfurt cujo pensadores perceberam o quanto o lado opressor e alienante da última tem íntima ligação com o lado instrumental daquela (OLIVEIRA, 1993).

Baseados no original entendimento da razão iluminista, de que ela caminharia junto com a emancipação humana, os frankfurtianos, compreendem que aquela perdeu toda sua essência no mundo capitalista transformando-se em um mecanismo de dominação e exploração do homem pelo homem. Isto acontece quando ela se instrumentaliza, se automatiza e se torna predominantemente funcional e positiva, pois, como analisado por dois de seus pensadores, Horkeimer e Adorno (1975, apud Oliveira 1993), o saber que emerge da razão iluminista é o saber científico que esta a serviço dos fins da economia burguesa, ou seja, do método da exploração do trabalho dos outros, do capital.

Esse saber busca homogeneizar tudo e a todos através da absolutização do conceito, sujeitando toda realidade ao formalismo lógico. E esta sujeição é "paga pela obediente submissão da razão ao que é dado diretamente abandonando a total reivindicação e abordagem do conhecimento: a compreensão do que é dado como tal...a factibilidade ganha o dia" (HORKEIMER;ADORNO, apud RAMOS, 1979, p.9).

A sociedade fica nas mãos dos que detêm o conhecimento técnico científico, dos teóricos tradicionais responsáveis pelo estabelecimento dos padrões, do conceito dos fins e, assim, por não serem requeridas, as funções intelectuais do homem são esquecidas e a escolha de seus fins passa ser desprovida de argúcia e este reage de acordo com os padrões gerais de adaptação. (HORKEIMER, apud RAMOS,1989).

Como programas de computador, as novas formas de agir, de sentir e de pensar são constantemente instaladas e atualizadas no homem moderno pela razão técnico científica, e a razão iluminista transforma-se assim instrumento de dominação, alienação, controle e exploração do homem e da natureza pelo próprio homem. Essa manipulação do sistema capitalista sobre a consciência do indivíduo é tal que ele se vê impossibilitado de determinar seu destino e de participar na construção do futuro da humanidade e acaba por internalizar que esta responsabilidade não é de sua alçada.

A ciência e a técnica se impõem, superando os mitos, as superstições e outras formas de interpretação da realidade, parecendo este um processo inacabável, onde tudo é impregnado pela racionalidade instrumental, negando e excluindo todas as outras formas de racionalidade. E é esta "totalização da racionalidade instrumental, usando o termo de Marcuse (*apud* OLIVEIRA,1993), que norteia todo o pensamento pessimista da escola de Frankfurt, em relação aos meios possíveis de rompimento deste sistema. Sistema este em que a ciência, a técnica, o governo, o mercado, os meios de comunicação de massa e a indústria cultural se organizam e funcionam de forma a alimentar a predominância desta racionalidade, de manipular os interesses adquiridos e de formar um padrão de pensamento e comportamento mantendo assim um vínculo de dependência do indivíduo com esse sistema .

A subordinação da sociedade contemporânea aos imperativos estruturais da economia de mercado tem conseqüências psicológicas sérias, como o predomínio de comportamentos convenientes, desprovidos de ética, ditada por imperativos exteriores onde o indivíduo não é mais capaz de agir, de ter consciência das finalidades intrínsecas de sua ação. É o que Ramos (1989) chama de síndrome comportamentalista presente na sociedade moderna, onde a convivência não é mais determinada por um senso comum substantivo e o indivíduo torna-se uma criatura que se comporta respondendo a persuasões organizadas.

"A síndrome comportamentalista é uma disposição socialmente condicionada, que afeta a vida das pessoas quando estas confundem as regras e normas de operação de sistemas sociais episódicos com regras e normas de sua conduta como um todo" (RAMOS,1989, p. 52). Isto é resultado de uma sociedade ordenada e sancionada pelo processos auto reguladores do mercado, onde a isenção de regulação política deu origem a um tipo de vida humana associada, ordenada apenas pela interação dos interesses individuais (auto-preservação).

A síndrome comportamentalista tem quatro traços principais elencados por Guerreiro Ramos (1981): a fluidez da individualidade, o perspectivismo, o formalismo e o operacionalismo.

A fluidez da individualidade é o resultado de uma conduta humana que se conforma com critérios utilitários, que se comporta de acordo com regras objetivas de conveniência. "O bom e o mau são simples denominações cujos significados estabelecem se convencionalmente" , a imparcialidade substitui a verdade. Neste contexto, o indivíduo não dispõe de piso firme necessário para que sua identidade se desenvolva e é obrigado a enfrentar processos e mudanças constantes do agregado social. Isto acarreta um sentimento de transitoriedade das coisas, permanente e sem propósito,

"consequência da interiorização acrítica pelo indivíduo da auto representação da sociedade moderna que se define como um contrato amplo entre indivíduos que maximizam a utilidade na busca da felicidade pessoal entendida como a satisfação de uma interminável sucessão de desejos" (RAMOS, 1989, p.56).

Outra característica do comportamento humano na sociedade moderna é a compreensão e a consciência que o indivíduo adquire que tanto a sua conduta como a dos outros afetada por uma perspectiva. E a perspectiva ou a visão que se torna predominante é aquela que leva em conta as conveniências exteriores, os pontos de vista alheios e os propósitos em jogo. Partindo desta perspectiva, o homem se comporta para atingir seus interesses pessoais que se tornaram os padrões motivadores da sociedade centrada no mercado, mesmo que para isso tenha que pôr de lado os padrões morais de boas ações. Como

psicológica, pela degradação da qualidade de vida, pela poluição pelo desperdício dos recursos naturais do planeta, além de ser incapaz de produzir espaços sociais gratificantes aos indivíduos .

2.2 O grande encontro: razão e consumo

Como se percebe pela abordagem, a totalização da racionalidade instrumental teve conseqüências desastrosas para as relações interpessoais e até para o desenvolvimento individual do ser humano criando um mundo onde o individualismo é predominante e onde a vida se tornou um grande acordo social em que todas as interações são mediadas pelo mercado.

Este mundo, o moderno, não é mais governado pela tradição e sim pela abundância, é um mundo produzido pela organização racional instrumental e pelo saber científico sendo vivenciado por um agente que é supostamente livre e racional enquanto indivíduo. Este indivíduo, por sua vez, vê sua capacidade de levar a vida cotidiana adiante estruturada pelo dinheiro e pelas relações de mercado e como conseqüência encontra no consumo o meio crucial de exercer sua cidadania no mundo social, de construir identidades e relações sociais (SLATER, 2002).

É na era moderna, portanto, totalizada pela racionalidade instrumental e vivenciada por indivíduos mecanizados pela síndrome comportamentalista que se originam as instituições, infra-estruturas e práticas essenciais da cultura do consumo. "A figura do consumidor e a experiência do consumismo são ao mesmo tempo típicas de um novo mundo e parte integrante de sua construção" (SLATER, 2002, p.18). E o acesso deste consumidor ao consumo é estruturado pela distribuição de recursos materiais e culturais que obviamente são determinados pela relação de mercado, configurando-se aí a cultura de consumo como a cultura de uma sociedade de mercado e obviamente da sociedade capitalista.

Os valores dominantes nesta sociedade não só são organizados pelas práticas de consumo como também são derivados dele.

Por conseguinte poderíamos descrever a sociedade contemporânea como materialista, como uma cultura pecuniária baseada no dinheiro, preocupada em ter em detrimento do ser, como uma sociedade transformada em mercadorias, hedonista, narcisista, ou mais positivamente como uma sociedade de escolhas e da soberania do consumidor (SLATER, 2002, p. 21).

A racionalidade instrumental, presente nas organizações burocratizadas, estendeu-se a outros campos da vida social, e os valores derivados do consumo invadem outros campos da ação social, não apenas as atividades de consumo. Esta disseminação se dá, como já foi abordado, porque o consumo se torna o foco principal da vida social, o meio para recriarmos mais áreas da vida social, em detrimento de outros focos como o trabalho, a religião ou a política.

A cultura de consumo é tida como universal pois, a princípio, todos podem e têm o direito de consumir livremente. E se não há restrições a cerca de quem pode consumir, também não há restrições a respeito do que pode ou não ser consumido. Essa é, segundo Slater (2002), uma das secularizações mais profundas realizadas pelo mundo moderno: tudo pode ser transformado em mercadoria, ou seja, tudo pode ser vendido e comprado desde coisas, até atividades e experiências. Desta forma, coloca-se perpetuamente o mundo íntimo da vida cotidiana no mundo impessoal do mercado e de seus valores.

A ilusão criada entre liberdade e ato de consumo é outro aspecto importante a ser ressaltado da cultura do consumo. O ato de consumir implica em fazer escolhas e estas escolhas são, a princípio, um exercício ilimitado que ninguém tem o direito de lhe determinar como fazer, quando fazer ou de lhe cobrar explicações do porquê fazer. Este exercício da livre escolha proporciona uma sensação de liberdade, uma das poucas tangíveis e que parecem significativas para o homem moderno. Esta liberdade é decorrente da escolha de consumo ser considerado um ato privado, ou seja, fora da esfera da intervenção pública. E,

dito por Ramos (1989, p. 59) tais padrões em geral e o perspectivismo em particular, tornaram-se padrões normativos da conduta humana.

O terceiro traço da síndrome comportamentalista descrita por Ramos (1989) é o formalismo entendido com a observância das regras impostas pela sociedade centrada no mercado em substituição à preocupação pelos padrões éticos substantivos. É uma

"...disposição psicológica exigida por um tipo de política divorciada do interesse pelo bem comum, por um tipo de economia unicamente interessada em valores de troca e por uma ciência em geral essencialmente definida por métodos e por praxes operacionais." (RAMOS, 1989, p.59).

As regras predominantes do comportamento social, transforma-se em regras de boa conduta em geral e o bom cidadão dá forma ao bom homem. Para o bom cidadão, o espelho do homem é a sociedade e esta é compatível com a moralidade e desta forma ele se comporta de acordo com as regras eventuais de aprovação social. Já o bom homem é guiado pela razão substantiva comum a todos e presente em qualquer momento e lugar não coincidindo com padrões particulares de qualquer sociedade determinada. (RAMOS, 1989)

O operacionalismo é o consenso dominante de que apenas o método de uma ciência natural de características matemáticas é adequada para a validação e a verificação do conhecimento. Na linha deste pensamento, tudo o que não pode ter uma expressão quantitativa são declarados como qualidades secundárias, invenções da imaginação. O interesse do operacionalismo está em lidar como problemas práticos e desta forma aquilo que é mais útil na operação é o mais verdadeiro no conhecimento. A comparação do útil com o verdadeiro é um grande equívoco, a noção de utilidade é cheia de ambiguidade ética pois o que é útil pode ser eticamente sadio quanto eticamente errado no domínio social (Ramos 1989). Desta forma, normas gerais foram legitimadas pela utilidade para o sistema social e para o dos seres humanos que dele participam.

Guerreiro Ramos (*apud* SERVA, 1997) ressalta que o predomínio da racionalidade instrumental engendra uma sociedade centrada no mercado, responsável pela insegurança

"esta relação entre liberdade e privacidade é fundamental para a idéia do indivíduo moderno: a razão por exemplo foi conceitualizada por grande parte do iluminismo como um recurso privado, encontrado dentro do indivíduo com o qual ele poderia resistir á autoridade social irracional da tradição, da religião, das elites políticas, da superstição.(SLATER, 2002, p.35).

Mas, num outro sentido entendido como negativo pelo autor, a escolha do consumidor é um ato privado uma vez que não tem importância pública. Consumimos de forma hedionda, ou seja, buscando aumentar nossos próprios prazeres, os conforto, e raramente nos importando em construir uma sociedade melhor, para sermos melhores e viver uma vida autêntica. (SLATER, 2002). Desta forma se torna quase que impossível construir uma sociedade coesa, ordenada e solidária com uma vida coletiva boa, progressista e autêntica já que são os indivíduos que definem seus próprios interesses (individualistas e egocêntricos).

A sociedade moderna tem internalizada e enraizada a crença de que a necessidade ilimitada e insaciável do consumidor é, além de normal, essencial para a ordem e o progresso econômico. A remota possibilidade de satisfação destas necessidades é temida pelo mercado de modo que este age de forma a manter constantemente acesos os desejos humanos em qualquer área de ação do indivíduo, seja ela pública ou privada. Esta ação do mercado se dá pela

"transformação dos valores que tinham por base uma tendência puritana á poupança, a preocupação com o futuro, a preservação dos bens e a sobriedade em um clima hedonista de gastos e crédito, orientado para o presente, de rápida obsolescência técnica e estética, com estilos e mercadorias descartáveis e em uma cultura lúdica"(SLATER,2002 p. 37).

Embora a economia seja baseada no planejamento racional, ela depende da promoção de paixões e desejos irracionais para se manter e funcionar.

A última e importante característica da cultura do consumo identificada por Slater (2002), é a sua grande afinidade e necessidade de relação com signos, significados, imagens e publicidade. O valor dos bens dependem mais de seu valor cultural, de seu significado do que seu valor funcional ou econômico. Desta forma, todos os aspectos do significado do produto e

todos os canais através do qual seu significado possa ser construído, são manipulados pelos produtores, vendedores através de um cálculo intenso e racionalizado.(SLATER,2002).

Mas se, o moderno conceito de sujeito social esta ligado ao consumo, entendido como campo privilegiado de autonomia, de significado, de subjetividade e de liberdade em que formulamos identidades sociais, e ainda é manipulado por ações estratégias de instituições dominantes, fica a questão abordada pelo autor: o consumo é um meio para exercermos nossa liberdade nossa soberania nossa criatividade, ou é apenas uma campo manipulável para tornar o consumidor um escravo, um sujeito passivo e determinado?

O interessante ao estudar as relações entre a era moderna, a era da razão (instrumental), com o nascimento da cultura do consumo, é perceber a estreita ligação que os ideais iluministas tinham com o ato de consumir.

Como abordado anteriormente, a burguesia era a classe emergente da época e foi ela quem emprestou ao consumo seu caráter dignificante, outrora considerado atividades indignas, hedionda e até herética. Com sua tradição liberal, vinculou o ganho material, o progresso técnico e a liberdade individual por meio da motivação da busca de realização de interesse individual.

Através dos conceitos de escolha e mercado, o indivíduo vê no ato de consumo um vínculo direto com as três expressões que definem a modernidade: liberdade, progresso e razão. A liberdade é encontrada na soberania do consumidor de definir suas próprias necessidades, desejos, vontades e identidades. O progresso esta intimamente ligado á imagem do ocidente, farto e desenvolvido que tem no consumo o combustível responsável para tal prosperidade. Por fim, a razão é encontrada na capacidade do indivíduo de conectar seus desejos individuais com as instituições racionais por meio do cálculo e do interesse de cada um. A racionalidade é então utilizada para a perseguição dos desejos, não sendo acessada para

o questionamento de quais desejos são perseguidos ou de onde vem suas necessidades ou se são boas ou não.

Os consumidores são então definidos como indivíduos particulares procurando racionalmente satisfazer os interesses por eles mesmos definidos por meio de um mecanismo (o mercado) que coordena em sociedade as ações dos indivíduos, sem comprometer a autonomia de suas escolhas. A questão central está nos pressupostos a respeito do que significa o meio racional de satisfação destes interesses.

A preocupação predominante na sociedade de mercado está em definir a forma pela qual os indivíduos procuram obter o que querem sem questionar ou procurar entender o que eles querem. Este pensamento tem estreita ligação e vai ao encontro da racionalidade formal, pois lida com a lógica e com os procedimentos pelos quais os consumidores calculam os melhores meios de maximizar a satisfação de desejos que são eles próprios pressupostos pois já estão determinados e já são do conhecimento do indivíduo. As razões que o consumidor der para determinada escolha, não se refere à natureza de suas satisfações, mas somente a estrutura lógica de seus cálculos.

Esta linha de pensamento resulta em um modelo formal da estrutura da atividade racional, encontrado em muitos livros, principalmente os de marketing, como "o processo de compra do consumidor". No estudo deste processo, procede-se com uma minuciosa investigação dos elementos envolvidos no processo de compra, desde as influências externas, quanto as características comportamentais internas do indivíduo, objetivando, infelizmente na maioria dos casos, descobrir formas de fomentar, estimular e manipular o consumo inconsciente.

Por outro lado, quando pensamos no que as pessoas querem, ou seja, em suas necessidades e desejos particulares e específicos, pensamos nos consumidores substantivamente. Quando procedemos analisando as razões válidas ou não para um indivíduo

querer alguma coisa utilizamos, segundo Slater (2002), um pensamento descrito como racionalidade substantiva: relacionamos determinados desejos e atos a determinados valores e razões. Este último pensamento descrito por Salter tem pouca aplicação para a sociedade de mercado, especificamente a que tem como ideologia o liberalismo, pois a questão central está em como o consumidor passa dos desejos substantivos para a ação racional formal.

2.2.1 Um Outro Encontro

A seção anterior abordou o encontro da razão instrumental com o processo de consumo. Verificou-se que o predomínio deste tipo de racionalidade contribuiu para a civilização mundial desenvolver uma cultura de consumo hedionda que engendrou um mundo caótico marcado pela exploração do homem pelo homem, pela degradação do ambiente e da qualidade de vida, pela concentração de renda e por disparidades sociais.

Quando se levantam os possíveis meios de inversão deste quadro, a necessidade de uma mudança nesta cultura é a primeira bandeira a ser levantada, o primeiro discurso a ser proferido. Mas, "não se pode realizar uma mudança básica da cultura aplicando os mesmos valores e a ética que criaram a necessidade de mudança" (LASZLO, 2003, .10). A compreensão que pode ser extraída da afirmação do fundador do Clube de Budapeste é que uma civilização enraizada por valores oriundos de uma racionalidade instrumental não deve partir, deste mesmo tipo de pensamento, para desenvolver uma nova cultura. Os novos valores fundamentais devem ser originados de uma nova forma de pensamento, que muito tem a ver com a racionalidade substantiva.

Esta compreensão pode ser encontrada na tese defendida por Laszlo (2003) de que a chave está em o indivíduo utilizar sua mente e se tornar consciente do seu papel de consumidor e agente cultural da humanidade e assim perceber sua capacidade de guiar sua própria evolução. A consciência que o consumidor tem de si mesmo e do mundo deve ser

expandida de tal forma que ele se torne capaz de enxergar as responsabilidades e as conseqüências de suas ações.

Os elementos subjacentes á estas ações devem ser o de conectar, comunicar e compreender estas devem ser baseadas em relações interpessoais em que a estratégia é a do ganha-ganha, ou seja, o benefício ocorre na dimensão individual porém sem comprometer os recursos para que os outros também possam se beneficiar. Verifica-se portanto a forte relação destes elementos com os elementos constituintes da racionalidade substantiva propostos por Serva (1997) anteriormente. Esta relação é intensificada pelas idéias propagadas pelo instituto de ciências noéticas para uma novo ato de consumo como: a aceitação de autoridade própria em vez de aceitação cega de um comando de fora, autoridade interna contra autoridade externa; união contra separação (somos parte de algo maior, em vez de uma unidade separada lutando somente pela própria sobrevivência); uma nova espiritualidade (há uma dimensão mais profunda pela vida não somente a luta diária pela sobrevivência econômica e bens materiais)

Para Laszlo (2003), através do desenvolvimento de uma espiritualidade superior reconhecemos que estamos conectados nas camadas mais profundas, teremos uma aliança mais forte do que as puras conexões materiais e econômicas.

Para desenvolver este tipo de cultura baseada em valores universais e percepções compartilhadas torna-se necessário desenvolver ações e estratégias adequadas e efetivas para a sua concretização. Carlos Emediato (2003) propõe alguns princípios, valores e estratégias que serviriam de base para a construção de uma nova cultura.

Princípios como interdependência e evolução colocam o ser humano diante da interligação global, do fato de sermos herdeiros e transmissores de costumes, valores e formas de viver no qual o desafio esta em manter a consistência entre as diversas maneiras de ser, com relação tanto ao uso da palavra, do sentimento quanto da vivência espiritual e da

corporalidade. Atrelados a estes princípios encontram-se a necessidade de se divulgar e cultivar valores como a responsabilidade universal, o compromisso com as próximas gerações, e o exercício da integridade. As estratégias para concretização destas idéias são a de incorporar conhecimento, catalisar mudanças e potencializar novos movimentos através da interconexão.

Para Emediato (2003) é partir do exercício destes princípios, valores e estratégias que o indivíduo, consumidor, abandona sua visão segmentada, típica do pensamento liberal, que vê a sociedade como partículas que somam ou que se contratam, e passa a se reinserir na própria história do universo, se enxergando como parte de uma evolução contínua.

Novamente verifica-se que o caminho para novas relações de consumo passa pelo resgate da racionalidade substantiva.

A teoria abordada até o momento permite a elaboração de um quadro que permitirá a identificação das características das ações de consumo racional instrumental em comparação com as características da ação de consumo racional substantiva.

No levantamento destas características foi possível classificá-las com relação aos fins visados e com relação ao consumidor.

O quadro busca servir também como um fundamento que norteará a análise e a elaboração dos questionários que serão posteriormente aplicados.

AÇÃO DE CONSUMO RACIONAL INSTRUMENTAL	AÇÃO DE CONSUMO RACIONAL SUBSTANTIVA
EM RELAÇÃO AOS FINS VISADOS	
Obedece a objetivos e valores econômicos, como o acúmulo e bens materiais, ou ao aumento de poder social ou a conquista de status.	Obedece a valores morais, referentes a subjetividade do indivíduo como a auto-realização entendida como a concretização do potencial inato do indivíduo complementados pela satisfação.
É pragmático, egoísta cujos benefícios visados buscam somente o sucesso e o aumento do prazer individual. Considera-se as conveniências exteriores, os pontos de vista alheios e os propósitos em jogo, sem preocupação no tratamento dos recursos disponíveis.	Os benefícios ocorrem na dimensão individual porém, sem comprometer os recursos para que os outros também possam se beneficiar, ou seja leva-se em conta o direito dos outros indivíduos. Considera-se a responsabilidade e a satisfação social.
É orientado por imperativos exteriores, pelas leis do mercado, sendo desprendidos de ética e pautados apenas no cálculo utilitário e nas regras de conveniência, adaptação e aprovação social.	É orientado por julgamentos independentes, pela autonomia e autenticidade e por uma autoridade própria guiados por uma razão comum presente em qualquer momento e lugar.
EM RELAÇÃO AO CONSUMIDOR	
É desorientado e não tem consciência da finalidade e do significado de seu ato de consumo, pois a escolha de fins é desprovida de argúcia. Não se importa em construir uma sociedade melhor para ser melhor e viver uma vida mais autêntica, pois não se sente responsável por isso.	É consciente de seu papel de consumidor e agente cultural da humanidade e percebe sua capacidade de guiar sua própria evolução enxergando as responsabilidades e as conseqüências de seu consumo.
Vê-se como uma unidade separada lutando pela própria sobrevivência econômica e material onde a preocupação predominante é ter.	Se enxerga como parte de algo maior pois acredita numa dimensão mais profunda da vida buscando sempre o desenvolvimento do ser.
Vê no ato de consumo um meio crucial de exercer sua cidadania no mundo social, de construir identidade e de estabelecer relações.	Vê no ato de consumo um meio através do qual pode conduzir a sua vida pessoal na direção da auto realização e da emancipação individual e social.
Se comporta, utilizando a racionalidade para a perseguição dos desejos que não são questionados nem contestados se são bons ou não.	Age a serviço de sua convicção utilizando a racionalidade para fazer conexões, analisar, criticar, e entender suas necessidades.

Quadro 1 - O consumo na perspectiva da racionalidade (elaborado pelo autor).

Caracterizados os elementos que definem o consumo baseado na racionalidade instrumental bem como os que caracterizam o consumo racional substantivo, torna-se interessante proceder com uma rápida abordagem acerca do tema serviços, por ser este o campo escolhido para a coleta de dados.

2.3 Serviços

Serviços são atividades que "criam valor e fornecem benefícios para clientes em tempos e lugares específicos, como decorrência da realização de uma mudança desejada no destinatário do serviço" (LOVELOCK, WRIGHT, 2001 p. 5).

Embora os serviços muitas vezes incluam elementos tangíveis, a realização e o desempenho desta atividade é basicamente intangível, ou seja, os benefícios do serviços advém da natureza de sua realização (LOVELOCK, WRIGHT, 2001). Esta característica intangível dos serviços os torna de difícil avaliação antes da compra, dando-se esta avaliação durante o processo de prestação do serviço ou em alguns casos somente após ter conhecido seu resultado.

Identificar os critérios com os quais os consumidores avaliam seu objeto de consumo, é uma forma de compreender melhor o que o consumidor espera deste, pois eles refletem os fatores que determinam a satisfação das necessidades do consumidor.

Gianesi e Correa (1996) elencam um amplo *spectrum* de critérios que podem ser avaliados em um serviço, onde se destacam:

- os itens tangíveis que são aqueles que se referem a qualidades e ou aparências de qualquer evidência física do serviço como bens facilitadores, equipamentos, instalações, etc;
- a competência, que refere-se a habilidade e o conhecimento do fornecedor para executar o serviço relacionando-se com as necessidades dos consumidores;

- atendimento/atmosfera refere-se o quão agradável é a experiência que o cliente tem durante o processo de prestação de serviço, contribuindo para uma boa avaliação a atenção personalizada dispensada ao cliente;
- o acesso avalia a facilidade que o cliente tem em entrar em contato com o fornecedor do serviço. Algumas características do acesso são: a localização conveniente, o acesso sinalizado, a disponibilidade de estacionamento, o amplo horário de operação, etc; e,
- por fim o custo de um serviço é o critério que avalia quanto que o consumidor irá pagar pelo serviço.

Encerra-se aqui a fundamentação teórica da pesquisa, na seqüência será exposta a metodologia utilizada para a concretização da pesquisa para posteriormente dar-se início a etapa empírica do trabalho que buscará identificar manifestações dos tipos de consumo categorizados.

3. METODOLOGIA

Para a elaboração e condução desta pesquisa, de forma eficiente e eficaz, foi necessário primeiramente categorizar em que tipologia ela se enquadrava, permitindo assim, uma identificação das formas e processos mais adequados para sua concretização.

A parte seguinte neste trabalho portanto, pretende descrever as características metodológicas científicas adotadas na pesquisa, tornando-se possível identificar os processos envolvidos na investigação do problema proposto.

3.1 Tipo de pesquisa

Em relação ao tipo de pesquisa, o trabalho presente enquadrou-se como de natureza qualitativa uma vez que se utilizam palavras e não dados numéricos para descrever o fenômeno.

Para Chizzotti (1984), pesquisas do tipo qualitativas dedicam-se a análise dos significados, do sentido que os indivíduos dão as suas ações e decisões e empenham-se em mostrar a complexidade, as contradições e a originalidade criadora das relações interpessoais e sociais. Estas descobertas serão efetuadas pelo pesquisador, que neste tipo de pesquisa é um ativo descobridor, que partilha da cultura, das práticas, das percepções e experiências dos sujeitos de pesquisa, procurando compreender a significação social atribuída aos atos que esses sujeitos realizam (CHIZZOTTI, 1984).

Definido o tipo de pesquisa num âmbito mais geral parte-se agora para a classificação proposta por Gil (1991) que esta relacionada aos objetivos e as técnicas utilizadas.

3.1.1 Com relação aos objetivos

Em relação aos objetivos, o trabalho classificou-se como descritivo pois tem como objetivo primordial a descrição das características de determinado fenômeno (GIL, 1991).

Para Rudio (1983) na pesquisa descritiva o pesquisador procura conhecer, observar, descrever, classificar fenômenos e interpretar a realidade porém sem neles interferir para modificá-los.

A pesquisa também pode ser classificada como um estudo exploratório pois foi "desenvolvida de forma a proporcionar uma visão geral, do tipo aproximativo, acerca de determinado fato", familiarizando o pesquisador com o problema com vistas a torná-lo mais explícito. (GIL, 1991, 1994, p. 45). Pode ser entendida ainda como uma pesquisa básica, pura ou fundamental pois procura a ampliação do conhecimento teórico sem a preocupação de utilizá-los na prática.

A classificação da pesquisa acima detalhada é útil para uma aproximação conceitual, mas, como observa Gil (1991, p.47) para "analisar os fatos do ponto de vista empírico confrontando-os com a realidade, torna-se necessário um modelo conceitual e operacional para a pesquisa. É o que o autor chama de delineamento da pesquisa onde se enfatiza os procedimentos e as técnicas de coleta e análise dos dados.

3.1.2 Com relação as técnicas utilizadas.

Para Gil, (1991) o elemento mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados, desta forma pode-se definir dois grupos: aqueles que se valem das fontes de "papel" e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas.

Com relação ao primeiro grupo, as fontes de "papel", a pesquisa caracterizou-se como uma pesquisa bibliográfica pois, foi desenvolvida a partir de material já publicado e acessível ao público principalmente livros, artigos, publicações periódicas como jornais e revistas entre outros. (GIL, 1994, 1991).

Para os dados fornecidos por pessoas, o fato do levantamento destes terem ocorrido no próprio local onde se dá o fenômeno, a pesquisa é também categorizada como uma pesquisa

de campo. Estudos deste tipo segundo Lakatos e Marconi (1986) têm interesse voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades ou instituições visando à compreensão de vários aspectos da sociedade.

Chizzotti (1995, p.84) destaca que os dados em uma pesquisa qualitativa "não são coisas isoladas, acontecimentos fixos captados num instante de observação" mas sim se constituem como fenômenos que se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamento. São estes conceitos manifestos e as experiências relatadas que ocuparão o centro de análise e interpretações da pesquisa qualitativa.

3.2 Coleta de dados

Como técnica para coleta destes dados utilizou-se nesta pesquisa a entrevista semi-estruturada. Entrevista porque envolve duas pessoas numa situação "face a face" em que uma dela formula questões e a outra responde, e semi-estruturada por ser guiada por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo do seu curso (Gil, 1991). Esta relação de pontos de interesse é a base para a elaboração de um roteiro de entrevista que orientará o entrevistador na aplicação desta. O roteiro para as entrevistas utilizado nesta pesquisa pode ser encontrado no anexo, ao final do trabalho.

Rudio (1993) destaca a importância de existir um contato inicial entre o entrevistador e o entrevistado para motivar e preparar o informante a fim de que suas respostas sejam sinceras e adequadas. Nesta pesquisa, este primeiro contato foi facilitado naturalmente pelo fato do pesquisador/entrevistador compartilhar do mesmo espaço de atividades em que os entrevistados foram selecionados, a academia de ginástica e o espaço de yoga.

3.3 Sujeitos de pesquisa

Como destacado por Gil (1994), as pesquisas sociais normalmente envolvem um universo de pesquisa demasiadamente grande impossibilitando a consideração de todos os elementos. Por esta razão, o caminho mais viável e exequível para a investigação é a utilização da amostra através do qual se procede com uma seleção de uma pequena parte que compõe o universo.

Para a escolha dos critérios de seleção, optou-se nesta pesquisa pela acessibilidade. Neste tipo seleção, o "pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo" (GIL, 1994, p. 97). É o tipo de técnica mais aplicada em estudos como o que se apresenta, exploratórios e qualitativos, pois não é requerido elevado nível de precisão.

A seleção foi também intencional em relação ao local e em relação a atividade praticadas pelos membros, pois como dito anteriormente, a pesquisadora é consumidora de ambos os serviços pesquisados, daí, pela curiosidade inerente aquele que pesquisa, optou por escolher praticantes da modalidade de yoga e musculação, também no intuito de ter maior contato como sua própria racionalidade.

Foram entrevistados um total de doze consumidores, sendo seis praticantes de yoga e seis praticantes de musculação. Optou-se por identifica-los em uma faixa etária constante entre 20 e 30 anos evitando assim possíveis distinções nas respostas em função do período da vida em que cada um se encontrava.

As entrevistas foram realizadas no mês de maio na cidade de Florianópolis, local em que se encontravam o *studio* de yoga, onde foram entrevistados os praticantes desta atividade, e também a academia de ginástica, onde foram aplicadas as entrevistas com os praticantes de musculação.

3.4 Limitações do Método.

A presente pesquisa, por ser de natureza qualitativa, não permite generalizações, ou seja, não é possível transpor para o universo da pesquisa os resultados alcançados. Seu cunho exploratório não busca conclusões acerca do fenômeno, mas apenas uma visão mais aprofundada e um melhor entendimento.

O instrumento de coleta de dados escolhido, a entrevista, também colabora com consideráveis limitações que são destacadas por Gil (1997) e Lakatos e Marconi (1986) como:

- a inadequada interpretação do significado das perguntas pelo entrevistado;
- o comportamento verbal ser relativamente de pouca confiança pelo fato dos indivíduos poderem falsear suas respostas;
- o pequeno grau de controle do pesquisador sobre a situação de coleta de dados e a possibilidade de que fatores desconhecidos possam interferir no resultado;
- a falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas; e,
- o fato da interpretação ser processada pelo pesquisador, que encontra, subjacente a sua natureza humana, seu conjunto de crenças, valores e verdades que certamente influenciam neste processo.

Apresentada a metodologia adotada e também o referencial teórico, passa-se agora para a transcrição dos dados e sua análise.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta parte do trabalho serão apresentados os dados coletados na pesquisa, através das entrevistas concomitantes com sua análise.

A análise feita será baseada na fundamentação teórica apresentada e no quadro resultante desta (p.37), que identifica as características da ação de consumo racional substantiva e da ação de consumo racional instrumental, e procurará identificar possíveis manifestações destes tipos de racionalidade entre os praticantes de yoga e entre os praticantes de musculação. Para uma interpretação mais sólida acerca dos dados coletados e do contexto em que estes se encontram, torna-se interessante proceder com uma breve explanação das características e propostas das atividades praticadas pelos consumidores entrevistados. Primeiramente serão identificados os principais aspectos envolvidos nas propostas do yoga e da musculação e na seqüência proceder-se-á com a análise dos dados.

4.1 Musculação

A escravização que as pessoas das sociedades civilizadas se submetem aos padrões de beleza tem sido um dos fatores sócio-culturais para a prática de exercícios. É sabido que o ser humano moderno está preocupado com seu corpo e com os padrões de estética atuais, que são cada vez mais exigentes e menos maleáveis, tornando a imagem de um corpo bem definido cobiça de um novo público, que lota as salas de musculação em busca de corpos perfeitos. (NAVES, 2004).

A musculação ganhou a simpatia da mídia, sendo bastante reverenciada e noticiada pelos meios de comunicação, a partir de pesquisas e artigos, sobre seus benefícios e segurança na prática. Com a influência positiva da mídia, malhar virou moda (Pontes, 2004).

A musculação de acordo com Naves (2004) é um tipo de exercício resistido, com variáveis de carga, amplitude, tempo de contração e velocidade controláveis. Desse modo

pode ser aplicada da forma isométrica (contração mantida), isocinética (com velocidade angular constante) ou isotônica (alternância de contrações concêntricas e excêntricas), contínua ou intervalada, suave ou intensa, com recursos aeróbios ou anaeróbios. Esta possibilidade de controle de tantas variáveis torna a musculação uma atividade física altamente versátil que pode ser usada para diferentes objetivos que vão desde o aumento da massa muscular até o emagrecimento.

Segundo Pontes (2004) no universo das academias, o monitoramento deve ser fato primordial, feito por profissionais da área de Educação Física, capacitados para o trabalho com musculação bem como o uso de protocolos adaptados às necessidades e características fisiológicas individuais, também deve ser reverenciado, para que os alunos cheguem de forma saudável e segura aos seus objetivos.

Embora a estética corporal seja o grande foco dos adeptos da musculação, para Pontes (2004) esta deveria ser uma consequência natural de uma atividade segura, direcionada e bem orientada, visando a melhora na qualidade de vida. Abaixo estão alguns dos benefícios da musculação citados pelo autor.

- Sensação de tranquilidade e bem-estar;
- Melhorias de auto-imagem, auto-conceito e da auto-estima;
- Melhoria na socialização e nos relacionamentos interpessoais;
- Melhoria na qualidade do sono;
- Melhoria dos aspectos cognitivos (atenção, concentração, memória e aprendizagem).
- Aumento do gasto calórico total diário (contribuindo para a redução de gordura corporal);
- Aumento de massa magra e enrijecimento muscular;
- Aumento da força muscular;
- Melhoria de flexibilidade;

- Aumento da resistência do sistema imunológico, diminuindo o risco de infecções oportunistas;
- Diminuição do risco de problemas cardíacos;
- Diminuição do risco de hipertensão;
- Aumento do padrão metabólico;
- Aumento da densidade óssea mineral;
- Melhoria dos lipídios sanguíneos;
- Redução da dor artrítica; e,
- Melhoria total na qualidade de vida.

4.2 Yoga

O yoga, embora no ocidente seja entendido por muitos apenas como um meio de disciplina física ou uma ginástica, tem, em sua proposta, benefícios e alcances que transcendem e muito, a simples conquista estética.

Yengar (2001, p.12) diz que yoga trabalha mais que o nível físico, ele trabalha a nível "celular, mental e espiritual envolvendo o homem na totalidade do seu ser."

As formas encontradas de manifestação do yoga são inúmeras, mas em todas predomina a preocupação com estado do ser ou de consciência denominado de samadhi. Samadhi é quando uma percepção ininterrupta da integração de corpo e mente é conservada (YENGAR, 2001).

Segundo Feuerstein (apud FERREIRA, 2004), o propósito do yoga esta em ser um guia para que o indivíduo atravesse os padrões de comportamento da consciência ordinária e vislumbre sua identidade com a realidade perene.

Como se pode observar, os benefícios do yoga parecem uns tanto abstratos e pouco definidos. Esta dificuldade de uma expressão clara do que pretende o yoga reside no fato de

este ser algo muito subjetivo e que advém da prática de cada indivíduo. E "a essência da prática do yoga esta no fruto da liberdade, da elegância natural, da paz e da beatitude do samadhi em que o corpo, a mente e a alma se unem e se fundem com o espírito universal" (YENGAR, 2001, p. 35).

A prática do yoga em sua totalidade, ou seja, como um conjunto de valores espirituais, **atitudes**, preceitos e técnicas compreende vários aspectos que envolvem desde disciplinas éticas, passando pela prática das posturas físicas, pelo controle da respiração e pela disciplina da mente que envolve a abstração dos sentidos, a concentração e a meditação.

Embora todos os aspectos envolvam a participação do indivíduo, para a presente pesquisa o interesse mais esta na prática da atividade física que no caso do yoga são os denominados ásanas.

Os ásanas são as posturas ou posições que segundo Yengar (2001) levam as funções físicas e fisiológicas do corpo a entrar em harmonia como o padrão psicológico da disciplina do praticante do yoga e têm vários níveis de profundidade que vão do mais denso ao mais sutil.

O primeiro é a ação conativa que é a ação no seu nível mais direto envolvendo aspectos como esforço, impulso. O segundo nível é a ação cognitiva que acontece quando os órgãos da percepção (pele, olhos, ouvidos, nariz, e língua) reconhecem a ação da carne (a postura física). O terceiro estágio acontece quando a mente observa o contato entre a cognição da pele e a ação conativa da carne, assim chega-se a denominada ação do ásana. A próximo nível é a ação reflexiva e esta ocorre quando passa-se a observar com atenção e a lembrar da sensação da ação do ásana e a mente então analisa estas sensações da parte de frente e de trás de dentro e de fora do corpo. Finalmente quando existe uma sensação total de ação sem quaisquer flutuações do alongamento então as ações descritas até aqui se reúnem para compor a conscientização plena. Essa é a prática espiritual do yoga.

É assim segundo Yengar (2001) que os ásanas devem ser praticados sendo este processo para a vida toda desde que o praticante tenha fé, memória, coragem, absorção e um fio ininterrupto de atenção consciente.

4.3 Pesquisa de Campo

Explanada as características principais das atividades consumidas pode-se agora dar início a análise dos dados coletados. Primeiramente analisou-se os dados obtidos dos praticantes de yoga, procurando manifestações dos elementos que constituem a ação de consumo racional substantiva e racional instrumental, para posteriormente proceder da mesma forma com análise dos dados obtidos dos praticantes de musculação. Os dados serão transcritos de acordo com a ordem das entrevistas e a análise será feita na seqüência, ressaltando que para manter a privacidade dos entrevistados, serão identificados tão somente como Y1, Y2, Y3, Y4, Y5, e Y6 os praticantes de yoga e como M1, M2, M3, M4, M5 e M6 os que adotaram a prática da musculação. Optou-se ainda por transcrever as falas de todos os entrevistados para assim melhor substanciar as análises.

4.3.1 Pesquisa com os praticantes de yoga

- Questão 1: Qual a razão que fez você escolher este tipo de prática?

Y1) "Porque o meu objetivo é fazer meditação, é trabalhar todo o meu corpo para alcançar a meditação, eu escolhi o yoga porque eu penso que este é um caminho que pode me ajudar a meditar com mais clareza"

Y2) "Eu vi algumas posições numa revista e comecei a fazer em casa, achei bem interessante, bem desafiador, daí eu resolvi estudar mais a fundo assim, e comecei a praticar".

Y3) "Meu irmão começou a fazer yoga e me falou, eu quis experimentar e acabei gostando".

Y4) "Eu escolhi porque eu tenho asma e eu precisava fazer um exercício físico que envolvesse respiração...eu não queria fazer natação por causa do problema de ter de sair molhada, não era muito prático".

Y5) "Eu resolvi experimentar yoga a uns dois anos e meio porque eu tenho uma amiga que era professora de yoga e ela me falou muito bem, então eu resolvi ver se eu gostava, se eu me identificava. Eu gostei muito porque tinha muito a ver comigo, eu descobri várias coisas que o yoga podia me proporcionar assim, esse negócio de consciência corporal. Não foi um porquê de eu começar a fazer, foi algo que eu descobri depois".

Y6) "Na verdade foi uma coisa que eu sempre tive vontade de em um momento ou outro fazer, aí um amigo meu começou a praticar e foi meu embalo pra ir. E também porque meu avô foi professor de yoga e era uma coisa que meu pai praticava tal".

Procedendo uma análise inicial pode-se entender que tanto Y1 quanto Y4 vêm na prática um meio de alcançar um objetivo, no caso a meditação e o tratamento para a asma. Em um primeiro momento pode-se indicar que há a manifestação da racionalidade instrumental nestes casos pois esta é utilizada para atingir objetivos pré-definidos. Outro aspecto da racionalidade instrumental é destacado pelo mesmo praticante Y4, quando este relata que a praticidade foi algo considerado na escolha da atividade pois como precisava, por indicação médica, praticar algum exercício que trabalhasse a respiração, viu no yoga um método mais conveniente.

Nas respostas restantes que embora pareçam pouco articuladas, são demonstradas que as razões obedecem a valores referentes a subjetividade do indivíduo como o desafio pessoal (Y2), a vontade própria (Y6) e a curiosidade em experimentar (Y3) , o que nos remete às características elencadas da ação de consumo racional substantiva.

- Questão 2:Quais os principais fatores que determinaram a escolha deste local?

Y1) "Eu faço questão de vir praticar aqui porque eu conheço a professora a mais de vinte anos e sei o quanto ela é íntegra e ética em seu trabalho...são coisas que eu acho muito importantes, apesar daqui ser longe e eu tenho que vir de ônibus".

Y2) "Vários motivos...o horário, era o único que tinha as seis e meia da manhã, a localização que é perto de casa. Outra coisa que eu comecei a conversar, fui procurando academias, eu fui ver em outros lugares, daí conversei com ela (professora) achei bacana, e resolvi experimentar".

Y3) "Porque é perto de casa e eu acabei gostando da aula dela também, achando que tem mais a ver com o jeito que eu gosto de ter aula".

Y4) "Foi distância, é perto da faculdade em que eu estudo então, como eu vinha pra cá, procurei algo aqui por perto, foi por distância mesmo. Se não fosse aqui eu teria feito em outro lugar qualquer, que fosse mais barato ou mais perto. Foi por preço também porque o horário que eu faço é promocional".

Y5) "Eu gostei daqui, gostei da professora e também porque é perto da minha casa".

Y6) "Foi pela localização e também porque eu fiz uma aula com a professora aqui, gostei pra caramba achei legal e pronto fiquei".

A citação quase que em todos os casos, da figura do professor como fator determinante na decisão do local demonstra uma influência de fatores e valores que vão além dos puramente práticos, utilitários e convenientes como a localização e preço. Através o depoimento do entrevistado Y1, verifica-se a manifestação de dois elementos constituintes da ação racional substantiva: primeiramente a integridade entendida com a honestidade e a franqueza dos indivíduos em suas interações que é destacado por Serva (1997) como um dos elementos da ação racional substantiva e em segundo lugar a ética que é tida como o ingrediente fundamental por todos os autores que abordaram a razão substantiva. A citações

de Y2, Y3, Y5 e Y6 também demonstraram esta consideração pela interação com o professor, verificando-se que, embora, em um primeiro momento a localização tenha sido um atributo considerável para a escolha, o que determinou realmente na decisão foram valores como o entendimento, a integridade e a ética do professor.

Apenas no depoimento do entrevistado Y4 é que a citação de elementos estritamente utilitários e pragmáticos como localização e preço demonstraram a influência da racionalidade instrumental.

- Questão 3: Você buscou satisfazer alguma necessidade ao optar por esta prática? Qual? Explique.

Y1) "Eu comecei a querer fazer meditação, eu comecei a fazer sozinha em casa e tal, e comecei a observar que o meu corpo também precisava, não era só a mente, o corpo também tinha que estar bem, eu tinha que segurar a posição de meditação. Porque se o corpo também não tá tranqüilo, feliz, eu não consigo fazer a mente sossegar".

Y2) "Necessidade assim nenhuma, eu sempre pratiquei atividades, futebol essas coisas, de um tempo pra cá comecei a procurar umas coisas mais diferentes assim".

Y3) "Eu mais estava procurando um exercício que não fosse necessariamente aeróbico, que fosse mais para relaxar. É um exercício diferente né?".

Y4) "Eu já tinha lido a respeito, sabia que era uma prática muito completa até na questão espiritual, que envolvia reflexão meditação...vou unir o útil ao agradável e interessante"

Y6) "Eu antes fazia natação e o horário da natação ficou ruim e eu queria fazer outra coisa, outra atividade".

Apenas o entrevistado Y1 expôs de forma clara que a necessidade que ele tinha era a de "segurar a posição de meditação" e que o yoga era um meio para ele conseguir isto.

A falta de articulação identificada em um primeiro momento na questão 1, em relatar as razões da escolha da prática, e agora também em relação a identificação da necessidade, pode ser considerada uma influência da racionalidade substantiva ao recordarmos que esta não é baseada em expectativas, ou resultados previamente calculados.

- Questão 4 : Você tem conhecimento dos objetivos, propostas e implicações deste tipo de prática?

Y1) "Sim, são tantos objetivos, saúde, bem estar, saúde mental, saúde corporal, alimentação saudável".

Y2) "Por enquanto não, estou só praticando ainda, quem sabe mais tarde talvez eu me aprofunde...antes eu pensava que era só uma ginástica, agora eu vejo que tem algo mais".

Y3) "Mais ou menos assim, mais o que a professora fala na aula, mas assim, o que eu gosto é que um jeito que através do físico você atingir uma tranquilidade de espírito maior, eu acho legal. Antes da parte física eu gosto mais desta parte espiritual, embora seja através do físico, é um jeito diferente de você lhe dar com a espiritualidade".

Y4) "Eu entendo que é uma atividade que trabalha o ser humano pra que ele alcance a si mesmo, a consciência, o samadhi no caso de meditação. Tu trabalha o corpo com intenção de atingir a mente".

Y5) "Eu li algumas coisas até antes de começar. Fui atrás um pouco pra saber as propostas. Como o yoga virou em alguns casos muito comercial, muitas pessoas vão procurar por causa da estética, ou então por alongamento...eu sabia que era algo mais além. Mas eu levei mais a sério quando eu escutei que, não adiantava ficar ali se contorcendo e ir pra casa e esquecer, porque era todo um propósito de tu fazer bem pro teu corpo pra ti, de tu querer o melhor pra ti...eu até to lutando contra isso porque eu fumo a uns dez anos e tá sendo uma batalha incrível pra eu largar o cigarro".

Y6) "Basicamente o que a professora fala na aula, até porque tem várias vertentes e cada uma coloca de foram diferente".

Resgatando os conceitos anteriormente explanados acerca das propostas do yoga, é possível verificar através dos depoimentos de Y1, Y3, Y5 que há um claro entendimento das reais propostas do yoga de ir além de simples atividade física, uma ginástica. Isto demonstra um conhecimento, uma consciência por parte do consumidor do que realmente ele está consumindo. Mesmo no depoimento de Y2, que diz não saber ainda os objetivos do yoga, ele declara que sabe que a pratica "tem algo mais" além de uma ginástica.

Podemos inferir ainda que se anteriormente os entrevistados não explicitaram claramente a necessidade que tinham ao buscar consumir o serviço yoga, ao articularem os objetivos do yoga o fizeram de forma clara, ou seja, eles tem em si uma necessidade ainda que não verbalizada. Esta dificuldade novamente pode ser encarada como uma influência da racionalidade substantiva pois, as necessidades dos praticantes provavelmente dizem respeito a sua subjetividade, que por serem um tanto abstratas são difíceis de serem expressas.

Porém, por um outro ângulo, esta desorientação quanto á finalidade e o significado do que fazem e do que consomem, pode ser considerada uma consequência, segundo Ramos (1989) da ênfase da racionalidade instrumental.

- Questão 5 :Qual o seu desejo, o seu sonho com a prática?

Y1) "Algumas pessoas tem sonho de conseguir fazer determinado ásana, o meu sonho, o meu ásana é a meditação... eu me preparo, me preocupo a aula toda pra chegar ao objetivo da meditação. Eu faço também em casa meditação, mesmo assim na aula é diferente, é o grupo, é a sala, é especial".

Y2) “Quero ser melhor assim, tipo, eu quero evoluir, vamos ver até aonde eu vou chegar. Tento pensar que eu to evoluindo a cada dia, não só aqui mas em tudo né, não pra ser o melhor, mas pra ser melhor pra mim”.

Y3) “Eu queria principalmente voltar a ter o alongamento que eu tinha antes quando eu era mais nova. E queria através do yoga ser mais calma aprender a não ter tanta pressa”.

Y4) “Eu não tenho grandes ambições, acho que o que eu puder melhorar, o que eu puder aprender fã ótimo, eu to vendo que pelos progressos que eu to tendo eu já to satisfeita... se eu chegar a um estado meditativo tudo bem. É um processo lento.”

Y5) “O yoga me faz muito bem e eu queria poder fazer mais vezes, eu também tenho necessidade de saber mais de teoria pra me aprofundar”.

Y6) “É o de conseguir fazer as coisas com absoluta tranquilidade sabe, de ir fazendo, de saber o limite até onde parar...a gente sempre quer ir um pouco a mais e desmonta”.

Embora benefícios como o alongamento e força tenham sido considerados, fica evidente nas declarações que o que se espera realmente alcançar são objetivos além do físico. A ação de consumo racional substantiva em relação ao consumidor também é entendida assim por este ver no ato de consumo um meio através do qual o indivíduo pode conduzir sua vida na direção da auto-realização e da emancipação pois este percebe sua capacidade de guiar sua própria evolução. O depoimento de Y2 é um exemplo claro deste aspecto bem como o de Y3 que espera alcançar com o consumo do yoga um estado mais sereno.

O depoimento de Y4 é um outro exemplo da presença da racionalidade substantiva uma vez que a ação é determinada independentemente de suas expectativas, ou seja, a satisfação é decorrente do processo em si e não de um resultado esperado.

Questão 6: Cite alguns benefícios que você espera alcançar ou que alcançou com a prática?

Y1) “Eu acho que eu já alcancei mesmo a questão de meditar, um tempo maior de esvaziar a mente, eu acho que o yoga ajudou neste sentido. Como é uma atividade que você tem que estar sempre percebendo, você percebe o ar, a cor, o sabor...como todos os teus sentidos estão ligados na prática quando você sai da aula você leva isso...então você observa na alimentação, quando você inspira no ar, é um conjunto, você acaba vivendo o yoga. Você pratica os ásanas mas você sai com a impressão, como tatuagem, você leva ela pro seu dia a dia, para as outras pessoas”.

Y2) “Senti melhora na elasticidade assim, percebi que esta funcionando”.

Y3) “Eu acho um das minha maiores conquistas foi a de eu saber respeitar a mim e acho que os outros também, porque aquele negócio de uma pessoa conseguir fazer determinado ásana e eu não, que muitas vezes poderia criar uma certa inveja em outras situações, no yoga se perde porque você aprende que cada um é cada um, você aprende a lidar com este lance de comparar a todo momento...isso também te dá uma certa liberdade de fazer do seu jeito sem se sentir ridículo ou com vergonha dos outros, você acaba levando isto para fora dali também”.

Y4) “Ah! Na ansiedade...eu sou muito ansiosa então eu acho que influenciou alguma coisa e na respiração, sinto que a respiração ficou mais calma mesmo, mais suave. E aqueles benefícios que todo mundo que pratica sabe, tu fica mais flexível, mais forte, mais atenta um pouco também eu acho...eu acho que mentalmente também a gente fica mais flexível, mais aberta, menos condicionada”.

Y5) “Acho que o yoga pode te dar muitas coisas, por exemplo, a confiança que tu tem que ter em ti mesmo, no teu corpo para executar e sustentar alguns ásanas, te ensina a confiar mais em si e a também saber superar o que você acha que são os teus limites, descobrir que

você pode ir mais além. E também na concentração, porque eu sou muito dispersa e tem me ajudado a me concentrar mais”.

Y6) “A postura é uma coisa, com certeza, é legal sentir os músculos alongados também, força nos braços que eu tinha pouco antes e concentração também. Às vezes, quando tá doendo as costas ou eu to precisando me concentrar, aí eu lembro de algum exercício do yoga aí eu faço”.

Declarações como as anteriores manifestam a presença da racionalidade substantiva pois são exemplos de "atos de pensamento que revelam percepções inteligentes das inter-relações dos acontecimentos numa situação determinada", como definido por Mannhein. (apud Ramos, 1989). O que se quer demonstrar é que realmente foi manifestado que através de conexões, análises, crítica e entendimento dos processos ocorridos durante a prática de yoga os alunos extraíram a sua interpretação acerca dos fatos e aprenderam com isso.

Na transcrição da resposta de Y3 também é encontrado a autonomia entendida como a condição plena dos indivíduos poderem agir e se expressarem livremente nas interações e que é um dos elementos da racionalidade substantiva.

Estes depoimentos também colaboram mais uma vez para a verificação de que o grande benefício, o grande resultado, esperado ou alcançado por cada um com a atividade é decorrente do processo em si o torna presente a ação racional substantiva uma vez que esta não tem interesse resultados posteriores.

Questão 7 O que representa para você o ambiente onde você pratica a atividade?

Y1) "Saúde! É uma coisa saudável para mim, mentalmente e espiritualmente... tem a questão espiritual também que eu sinto muito estar presente nas aulas. O espaço representa saúde em todos os sentidos".

Y2) "... bem diferente, é um lugar a parte, bem diferente do que é lá fora. Lá fora é agito, correria, aqui dentro não é um clima bem diferente tu chega já deita tal, é tipo um refúgio".

Y3) "Eu acho bom, yoga é o único exercício que eu não tenho preguiça, na academia eu sempre tinha preguiça aqui eu não tenho, é um ambiente aconchegante para fazer yoga".

Y4) "Pra mim é um momento que eu posso deixar tudo lá fora junto com o meu sapatinho, é um momento que eu tenho pra fazer só aqui, é um momento pra descansar a mente, tento esvaziar a cabeça...quando eu não vou eu sinto realmente: que pena!".

Y5) "Representa um momento de evolução de aprendizado...de auto-conhecimento".

Y6) "É um espaço que me passa um bem estar muito grande, gosto de vir fazer a aula, saio renovada. Não sei dizer racionalmente"

Pelo simples fato de os entrevistados responderem a questão proposta pode-se identificar a presença da racionalidade substantiva na definição de Slater (2002) de ser ela a responsável pela capacidade que os indivíduos tem de atribuir signos e significados á coisas e objetos. Além disto, a manifestação da racionalidade substantiva é ainda mais evidente pelo fato destes significados corresponderem, como no depoimento de Y5 á elementos característicos deste tipo de racionalidade como a evolução e o auto-conhecimento e de estarem sempre relacionados a subjetividade do indivíduo.

Questão 8: Quem ou qual foi o maior motivador, o principal estímulo para você vir praticar?

Y1) "Eu li muitos livros sobre yoga, eu vi um especificamente que me marcou e eu fiquei encantada com a vida que ele levava, com as coisas que ele disse no livro, com as coisas que ele fazia, este foi meu primeiro contato".

Y2) “Não, não conhecia ninguém que praticava, já tinha lido alguma coisa, daí eu vi na revista algumas posições do power yoga, aí eu vi que era bem difícil mesmo, daí comecei a fazer e achei bacana. Era um desafio, sei lá, uma coisa que a princípio tu acha que não vai conseguir aí tu consegue. Eu acho interessante”.

Y3) “Não acho que mais porque eu tava afim mesmo”.

Y4) “Não, até na minha família todo mundo dizia que era besteira, que era bobagem... aquele preconceito que as pessoas tem como qualquer coisa alternativa, com uma prática que não é aquela formal que tu tá acostumando...preconceito que a gente tem com tudo que não conhece na verdade. Tive mais incentivo contra do que a favor”.

Y5) “Eu acho que foi minha amiga, porque a muito que eu falava que eu queria que eu queria experimentar e quem sabe um dia eu faria, aí ela virou pra mim e disse: que um dia quem sabe! Por que tu não começa agora?”.

Y6) “Eu comecei mesmo por acaso, a natação não deu mais para ir, a capoeira que era uma coisa que eu também gostaria não fechou o horário, aí apareceu a oportunidade do yoga. Daí depois que eu fui eu curti pra caramba”.

Quando resgatada a teoria acerca da relação entre o uso de uma racionalidade substantiva como forma de mudar as relações de consumo, verificamos manifestações de muitas das idéias propagadas pelo Instituto de Ciências Noéticas como os elementos necessários para um novo ato de consumo. A aceitação de autoridade interna contra autoridade externa, por exemplo é encontrada na grande maioria dos casos citados anteriormente, pois a decisão por consumir determinada prática partiu do indivíduo, sem a pressão ou a influência de fatores externos. Embora revistas, livros ou a própria indicação médica tenham influenciado o consumo, a escolha a decisão foi inteiramente do indivíduo. Isto é claramente evidenciado pelo entrevistado Y4, uma vez que o estímulo externo foi até no sentido contrário ao consumo.

Questão 9: Para você, a prática reflete de alguma forma em seu convívio social?

Y1) "Mudou muita coisa, como é um estado de ser, muda, porque você muda e, você muda as pessoas mudam, as relações mudam...porque se você consegue se manter mais calma ou, colocar sua opinião na hora certa, acaba mudando tudo porque eu acho que você esta energeticamente equilibrado aí você acaba atingindo as pessoas, muda as relações, muda o contato... quando você melhora os outros melhoram".

Y2) "Tenho pensar que eu tô evoluindo a cada dia, não só aqui mas em tudo né, não pra ser o melhor, mas pra ser melhor pra mim".

Y3) "Não sei te dizer se teve alguma mudança, também porque eu faço a pouco tempo, mas acho que não mudou nada".

Y4) "Eu fiquei mais paciente, eu percebi como eu sou inflexível tanto física quanto mentalmente, a gente aprende também que a gente tem limites e a respeitar os limites dos outros, o meu limite pode ser físico e o de uma outra pessoa pode ser sei lá paciência de compreensão".

Y5) "Eu acho que um pouco, não sei se tem a ver com o yoga ou se é um processo de amadurecimento meu a parte, talvez da paciência...quando tu não consegue fazer um ásana e tenta se concentrar e tu não consegue".

Y6) "O que eu posso dizer é que esta estória do yoga de tentar ser tranquilo em relação as coisas é muito importante, mesmo com relação ás outras pessoas, não deixar os problemas te afetarem tanto, tentar lhe dar com eles de uma forma mais natural, sem se abalar demais. Mais da filosofia do yoga de estar presente de prestar atenção de estar com alguém e estar consciente, não tá viajando tá ali mesmo".

Verifica-se através da declaração do entrevistado Y1 a manifestação da ação racional e consumo substantivo em um de seus aspectos mais característicos, a preocupação e a consideração com o social pois identifica-se valores emancipatórios pois há uma preocupação

com a mudança e o aperfeiçoamento do social nas direções do bem estar coletivo e também considera-se a satisfação social.

Nos outros depoimentos verifica-se novamente a presença da racionalidade substantiva pois o auto-conhecimento e a evolução adquirida através do consumo levaram o praticante a ter uma maior consciência de si e dos outros. Ou seja ele vê no ato de consumo um meio através do qual ele pode se auto-desenvolver e evoluir. Também foi manifestado novamente a ocorrência do aprendizado em aula e que este aprendizado é refletido fora dali, ou seja no social.

Questão 10: Fale de seus sentimentos ao executar esta atividade

Y1) “As vezes eu sinto dor, preguiça não, mas às vezes tem aquela coisa: tá doendo muito vou parar! Mas é instantâneo assim, tem uma coisa maior, tem um bem maior, eu tenho sempre este pensamento: eu estou ganhando cada vez melhor, eu estou ficando mais saudável, minha mente mais saudável, meu corpo mais saudável. É um bem tão sutil que quando você se dá conta, oh tá aqui. Os empecilhos vem claro, é difícil, não é fácil, tem que ser persistente”.

Y2) “Eu sinto que tá difícil, mas eu vou tentar conseguir, vou dar o melhor, como se tivesse me testando assim, será que eu vou conseguir?”

Y3) “Ai, a gente não pode pensar nada né....tem que ficar contemplando. Eu me concentro muito no exercício e fico sempre tento fazer mais, então eu fico percebendo se eu to melhor ou não”.

Y4) “Eu sempre fui muito dispersa sabe, eu sempre tava pensando em mil coisas ao mesmo tempo, eu não presto atenção nas coisas...enquanto eu to aqui, eu to pensando em um monte de coisa que eu tenho pra fazer...e isso não funciona no yoga a gente tem que prestar atenção no que tá fazendo prestar atenção no corpo”.

Y5) “Eu me atento ao meu corpo, nas coisas que eu to sentindo, no jeito que eu executo cada ásana assim, com que sentimento...mas depende de muitos outros fatores das coisas que tão acontecendo na tua vida”.

Y6) “Olha, eu não penso nada, eu consigo me concentrar bastante na prática, isso que eu acho legal , é completamente no meu corpo, todos os desafios que a professora falar e que você tenta fazer, pode ser a coisa mais simples, é com o corpo inteiro”.

O que se pode extrair das declarações acima é de que em grande parte dos casos o indivíduo está concentrado, está consciente do que esta fazendo . Esta ocorrendo, embora a princípio, somente na prática, um desenvolvimento da consciência e da percepção por parte do indivíduo de seus atos e esta é uma das características da ação racional substantiva e segundo Laszlo (2003) fator primordial para a inversão do quadro social, econômico e ambiental que se encontra o mundo.

O empenho, a determinação e a auto-superação necessárias para a execução das posturas e descoberta pelos entrevistados também demonstra novamente a ação de consumo racional substantiva pois, o consumo esta sendo um caminho de auto-desenvolvimento e auto-realização entendida como a concretização do potencial inato do indivíduo.

- Questão 11: Complete as frases:

a) A prática do yoga é ter:

Y1) "saúde mental física e espiritual".

Y2) "vontade de superar desafios".

Y3) "é ter tranqüilidade".

Y4) "equilíbrio, satisfação".

Y5) "ter auto- consciência corporal".

Y6) "concentração".

b) A prática do yoga é ser:

Y1) "saudável"

Y2) "uma pessoa melhor em todos os aspectos da vida".

Y3) "feliz"

Y4) "consciente".

Y5) "uma pessoa melhor talvez que se reflita também nos outros...quando tu quer o melhor pra si tu também quer o melhor para os outros".

Y6) "consciente"

c) Vejo nesta prática um meio através do qual

Y1) "eu posso me relacionar melhor comigo mesma, depois com as outras pessoas e com o universo em si."

Y2) "melhora assim pra mim, física, quem sabe um dia espiritual, não sei vou ver, vou continuar praticando e vamos ver. Hoje minha visão já mudou eu pensava que o yoga era só mais físico mesmo, uma ginástica...depois que você começa a fazer você já vê de outra forma, vê que tem mais coisa".

Y3) "eu posso alcançar a tranqüilidade a paz".

Y4) "através do qual eu me encontro, me integro comigo com o mundo com os outros".

Y5) "eu me faço bem, eu me quero bem, eu consigo só neste momento parar, prestar atenção em mim...parece uma coisa meio egoísta né?"

Y6) "do qual eu posso superar os desafios que a vida, as situações colocam pra mim".

Mais uma vez, através da declaração de Y5 na questão b, é manifestado a racionalidade substantiva no seu aspecto social onde identifica-se valores emancipatórios pois há a consideração pela melhora não só individual mas também do próximo.

O entendimento de que somos parte de algo maior, ou seja, a necessidade de união contra separação, bem como o do desenvolvimento de uma espiritualidade são outros dois elementos que caracterizam a ação de consumo racional substantiva e que foram manifestados durante as entrevistas acima como nas respostas de Y1 e Y4 na questão b, e de Y1 e Y2 na questão c respectivamente.

A satisfação vinda pelo auto - conhecimento e pela auto realização adquiridos pelos praticantes de yoga corrobora para a manifestação da ação de consumo racional substantiva e foi por diversas vezes externada pelos entrevistados nas declarações anteriores.

A necessidade de desenvolvermos uma maior consciência acerca de nós mesmos e de nosso papel no mundo é uma dos principais elementos destacados para na ação de consumo racional substantiva e que também encontraram respaldo nas declarações acima. Para Laszlo (2003) somente através da expansão da consciência que o consumidor tem de si mesmo e do mundo que ele se torna capaz de enxergar as responsabilidades e as conseqüências de suas ações.

4.4.2 Pesquisa com os praticantes de musculação.

- Questão 1: Qual a razão que fez você escolher este tipo de prática.

M1) "Primeiro do momento atual, monografia, trabalho muita coisa, eu precisava de um momento só meu pra soltar as energias...e depois, pra eu ficar com tudo em dia para a formatura".

M2) "Principalmente pelo condicionamento físico, pelo estético, principalmente por isso".

M3) "Por causa mais da parte estética, porque é o tipo de exercício físico que o efeito dele é mais rápido e, eu acredito, que a longo prazo funcione um pouco melhor".

M4) "Condicionamento físico e fazer alguma atividade esportiva".

M5) "Perda de peso e condicionamento físico e em função disto, eu acho, pra me sentir melhor, eu queria emagrecer".

M6) "Como eu tenho tendência a engordar, sempre estou lutando contra isso, então eu precisava de alguma coisa que me fizesse gastar calorias".

O que fica nítido através destas declarações, é o reconhecimento da atividade como um meio para atingir um determinado fim, um objetivo conhecido e que na maioria dos casos estava relacionado com a parte física, como perder peso, modelar o corpo ou ganhar condicionamento. Estas declarações manifestam claramente a presença da racionalidade instrumental pois está relacionada a atos organizados entendidos como meios de atingir uma meta, designando a ação que contribui para a consecução de um objetivo conforme Mannheim (apud Ramos, 1989). Estes objetivos também encontram forte influência de valores da sociedade de consumo como a conquista estética, ou seja, é ditado por imperativos exteriores não sendo resultantes de julgamentos independentes dos indivíduos.

- Questão 2: Quais os principais fatores que determinaram a escolha do local?

M1) "Foi pela localização, é perto de onde eu trabalho"

M2) "Gosto dos professores da academia, gosto porque eles dão aulas e exercícios que outras academias não oferecem".

M3) "Eu escolhi fazer com o personal mais por motivação mesmo, porque eu sei que naquela hora vai ter alguém me esperando, que eu to pagando caro, e que eu tenho que ir".

M4) "Preço, proximidade de casa e desconto na matrícula porque eu era ex aluno"

M5) "Local e preço"

M6) "Principalmente a localização, por ser perto da minha casa, e por ser bem equipada com equipamentos que eu gosto de fazer".

Como pode-se observar, não foram encontradas manifestações semelhantes às das verificadas entre os praticantes de yoga, em relação à escolha do local, nos depoimentos obtidos com os praticantes de musculação.

A citação de elementos estritamente utilitários e pragmáticos como localização e preço demonstraram uma forte influência da racionalidade instrumental pois verifica-se o cálculo puramente utilitário dos recursos. Mesmo no depoimento de M2 entende-se que o gostar é em função do que a pessoa pode proporcionar, utilidade, e não em decorrência do que ela é ou transmite. No caso do entrevistado M3, especificamente, que tem a prática acompanhada por um personal, identifica-se claramente a influência de valores econômicos como o alto preço, sendo este um fator motivacional para a assiduidade.

Conforme a exploração acerca da musculação, o acompanhamento e monitoramento profissional é um aspecto importante na prática da musculação e fator importante para que se chegue de forma saudável e segura aos objetivos, porém em nenhum momento este item foi lembrado pelos entrevistados.

- Questão 3 Você busca satisfazer alguma necessidade ao optar por esta prática? Qual? Explique.

M1) "Botar o estresse pra fora assim".

M2) "Eu sempre tive tendência a engordar, eu já fui bem gordinha, daí eu comecei fazendo hidroginástica, porque eu era nova também, depois eu comecei a fazer musculação e vi que tinha mais resultado, aí eu parti pra esta área. "

M3) "Eu queria alguma atividade física que movimentasse o corpo, pra eu me sentir bem, quando tu não faz nada tu levanta de manhã e quando dá dez horas tu já tá com sono, e quando tu faz alguma atividade, tu se sente mais disposto pra estudar tal"

M4) "Manter o peso"

M5) "Eu já dei mais importância para esta questão do corpo de se manter em forma, já me afetou bem mais, mas ainda é para emagrecer".

M6) "Acho que realmente é perder peso pra eu me sentir melhor".

Através da análise das respostas é possível verificar um padrão nos interesses esperados com a prática. A maioria busca a mesma coisa, manter-se ou alcançar algum resultado físico ou estético. Isto demonstra uma consequência da totalização da racionalidade instrumental, pois é resultado da manipulação dos interesses adquiridos e fomenta a formação de um padrão de pensamento e comportamento.

A racionalidade instrumental também é identificada pelo fato de se demonstrar claramente que há uma expectativa de resultados em relação ao consumo.

Questão 4: Você tem conhecimento dos objetivos, propostas e implicações deste tipo de prática?

M1) "Quando eu entrei foi feita uma avaliação aí, eles me explicaram tudo. Quando eu entrei eu não tinha muito conhecimento, só depois com a explicação do instrutor eu entendi melhor".

M2) "Tenho, por exemplo, se tu quer aumentar os músculos tem que erguer bastante peso ou, se tu quer fortalecer, aí tu faz menos peso e pouca repetição, aí tu emagrece também, eu sei mais ou menos os objetivos de cada treinamento".

M3) "Alguma coisa assim, a gente (eu e o personal) conversa bastante, tem gente que é contra a musculação, que tu perde um pouco da elasticidade, mas eu acho que os fatores a favor, os fatores benéficos tem muito mais a contribuir".

M4) "Mais ou menos, tem aparelhos lá que eu nem sei pra que serve, eu faço mais ou menos, como eu acho que tem que fazer".

M5) “Não muitos, sei que muita gente faz pra ficar "marombado" eu faço pra emagrecer...”.

M6) “Pouco, como é algo que eu quase que faço por obrigação, não tenho motivação para ir atrás e saber um pouco mais. Tento seguir as instruções do professor”.

Nos três últimos casos é declarado um total desconhecimento acerca das propostas e objetivos da musculação, ou seja, o indivíduo é desorientado e não tem consciência da real finalidade do que está consumindo sendo esta uma das características da ação de consumo racional instrumental. O indivíduo utiliza a racionalidade para a perseguição dos seus desejos, não questionando as implicações deste, ou seja, abandona-se a reivindicação e abordagem do conhecimento.

Mesmo o conhecimento dos que declararam saber os objetivos da musculação está limitado aos resultados físicos, estéticos, ou seja, não se reconhece na prática um meio de melhora da aprendizagem, da atenção que são os benefícios propostos pela prática. Na verdade este pode ser considerado um reflexo dos próprios interesses que sempre estão relacionados com o aspecto físico. Este conhecimento, apenas voltado para o que é de interesse para a concretização dos objetivos do indivíduo, manifesta a racionalidade instrumental pois pode ser compreendida como um dos traços da síndrome comportamentalista discutida por Guerreiro Ramos (1989), o operacionalismo. O operacionalismo tem como interesse lidar com problemas práticos e desta forma aquilo que é mais útil na operação é o mais verdadeiro no conhecimento.

- Questão 5: Qual o seu desejo ou sonho com prática?

M1) “Não tenho sonho assim, não sou muito neurótica com o corpo”.

M2) “Ah sei lá, eu mudei muito meu corpo depois que eu comecei fazer, eu tinha mais culote, perdi bastante, mas uma coisa que eu acho muito difícil de ter como eu gostaria de ter

é a barriga, por mais que eu faço, que eu esteja bem magrinha a barriga não fica do jeito que eu quero”.

M4) “Faço mais para manter o corpo mesmo”.

M5) “Viver melhor, ter mais disposição, energia iniciativa, mais agilidade.”

M6) “Eu queria era perder mesmo uns cinco quilos, aí eu acho eu seria a pessoa mais feliz do mundo!”.

Os valores da sociedade do consumo, totalizada pela racionalidade instrumental, como a estética corporal, a juventude externa são mais uma vez identificados nas declarações de M2, M4 e M6 sendo predominantemente egoístas. O indivíduo apenas consome para se adaptar a padrões gerais da sociedade, sendo que suas reais necessidades muitas vezes são esquecidas.

Questão 6: Cite alguns benefícios que você espera alcançar ou que alcançou com a prática.

M1) “Já, tipo, corpo principalmente, corpo e mente, já deu pra desestressar um pouquinho, quando eu não vou na musculação isto me faz falta, a semana fica mais estressante assim.”

M2) “Não só fisicamente, mas como condicionamento também porque antes, qualquer coisa eu já ficava cansada. Com o exercício tu acelera o metabolismo tal, hoje quando eu fica sem fazer por exemplo, eu fico numa preguiça, mas quando eu to fazendo sempre eu me sinto bem mais disposta.”

M3) “Me sinto melhor disposta se por exemplo, de manhã antes de eu fazer qualquer coisa eu faço exercício eu me sinto muito mais disposta a cabeça parece que tá mais limpa, tu movimentava o oxigênio dentro do teu corpo. Mas sinceramente pra mim hoje em dia é mais pra manter o controle do peso”.

M4) “Melhoria da capacidade física, tanto fisicamente, condicionamento físico e da mente também, tu se sente mais disposto, tem mais iniciativa.”

M5) “Muitos, é uma coisa que puxa a outra, tu acaba comendo menos, tu te motiva, tipo, tu pensa, voltei da academia, não vou comer demais tal”.

M6) “Como eu ando meio ansiosa com o fim da minha faculdade, estou comendo além da conta, então acho que a musculação só esta servindo como compensação, acho que eu não consegui emagrecer ainda, então o principal benefício ultimamente é deixar minha consciência mais leve quando eu exagero na alimentação”.

Pode-se identificar que tanto os objetivos, benefícios e resultados alcançados como aqueles desejados ou sonhados, pelos praticantes de musculação, sempre que foram citados, limitaram-se ao âmbito individual. Mesmo para aqueles que vão além do corpo continuam a serem individuais. Uma das características da ação de consumo racional instrumental é que os fins visados são sempre egoístas e os benefícios visados buscam somente o sucesso individual.

- Questão 7: O que representa para você o ambiente onde você pratica a atividade?

M1) “O ambiente é bem melhor do que eu imaginava, a academia é relativamente nova assim, tem higiene do ambiente, o clima da galera, tem muita gente jovem a noite enche, é um horário que tu percebe que as pessoas não tão lá só pra praticar, mas também pelas pessoas que estão lá. É um momento de relax, que eu esqueço do trabalho da faculdade”.

M2) “Eu gosto, principalmente aqui, porque tem academia que é muito modinha, daí vai só o pessoal sarado aí tu chega a se sentir mal assim”.

M3) “O lugar eu acho legal para aquelas pessoas assim que tem vergonha, que realmente são obesas tem vergonha de estar em um lugar em que as pessoas estão analisando porque é comum de se ver em academia as pessoas uma olhando para outra e analisando e tal

e realmente existe isso assim muito gente vai pra lá mais para aparecer do que pra cuidar de si próprio. E lá não, é bom pra quem ter vergonha de colocar uma roupa justa no meio de um monte de gente que acaba criando um certo desconforto”.

M4) “Um evento social, tu vai lá conhece uma pessoa, conhece outra, faz amizades, é importante. É um tipo de atividade social, que nem ir á um cinema, ir ao shopping, sei lá. Tem gente que vai na academia pra encontrar pessoas”.

M5) “Ah! Contatos, papos, essas coisas. Legal, fazer amigos, isto as vezes era fator motivacional, encontrar amigos”.

M6) “Acho que não representa nada, eu chego, faço e vou embora, não é um local onde eu tenho ou procuro fazer amigos, na verdade, não tenho vontade. Eu acho o ambiente agradável embora tenha muita gente "marrenta", que vai lá só pra fazer a marra, porque tem muito cara vai lá só porque todo mundo vai”.

Os dados obtidos nas declarações de M1, M4 e M5 apontam um dos aspectos característicos da cultura do consumo destacados por Slater (2002) e portanto uma manifestação do consumo racional instrumental pois este é visto como um meio de exercer a cidadania no mundo social e de construir relações.

Embora não fosse o caso dos entrevistados, foi salientado nestas declarações dos praticantes de musculação M2, M3 M6 que, freqüentar determinada academia muitas vezes torna-se sinônimo de status, de poder, o que leva muita gente a matricular-se em função deste aspecto. Quando ocorrido com este intuito torna-se presente a manifestação do consumo racional instrumental, pois os fins visados obedecem a valores como a conquista de status ou poder social, bem como o alcance em si mesmo de situações ou padrões que são considerados como vitoriosos numa sociedade de consumo.

Questão 8: Quem ou qual foi o maior motivador, o principal estímulo para você vir a praticar?

M1) “Eu não conhecia ninguém que praticava lá foi por mim mesmo”.

M2) “Eu sempre fui muito preocupada porque minha família tem tendência...não é só do tipo "eu quero ter um corpo perfeito" eu quero ter um corpo normal seria mais o meu caso. Eu sofri até, digamos assim, preconceito quando eu era mais nova, eu estudava em um colégio tradicional então tinha todo aquele coisa, isso me frustrava muito. Não é muito pra provar para os outros é mais pra eu realmente me sentir bem assim por isso eu fui buscar isso ”.

M3) “No começo foi por obrigação mesmo, porque a médica mandou, porque eu tinha que emagrecer de qualquer jeito, eu fazia dieta na médica mas eu era super preguiçosa”.

M4) “Foi por mim mesmo”.

M5) “O que me fez me mexer, foi quando eu me olhei no espelho e vi, que eu estava gorda pra caramba, eu vi que eu tava saindo fora do padrão, que eu estava comendo demais, que eu não estava me cuidando...foi aí que eu pensei, para com isso e vai fazer alguma coisa”.

M6) “Acho que a minha tendência a engordar, torna-se um constante estímulo para eu me manter ativa”.

Com exceção dos casos M1 e M6, nos outros casos a racionalidade instrumental se torna presente uma vez que demonstraram que muitas vezes a busca por um resultado, por um padrão, no caso estético, ou situação foram determinantes.

Questão 9: Para você a prática reflete de alguma forma em seu convívio social, no seu relacionamento com outras pessoas?

M1) “Não mudou muito a prática social, mas eu to mais bem disposta, to trabalhando maior, mais força, mais ânimo, auto-estima, um "up" ”.

M2) “Eu acho que auto-estima principalmente, porque tu tá fazendo aquilo pra se sentir bem principalmente, por fora por dentro”.

M3) “Familiar não. Lógico, que tu se sentindo bem, as pessoas talvez nem percebem que eu diminui meu número de calça que eu emagreci dois três quilos, mas aquilo me motiva a ponto de eu estar mais feliz, tu demonstra isso para as pessoas que tu tá de mais de bem contigo e isso atrai, atrai pessoas que querem meu telefone que me procuram entendeu?”.

M4) “Não, acho que eu estou mais disposto”.

M6) “Acho que sim, e muito porque quando eu estou de bem com o meu corpo, a minha auto-estima aumenta eu me sinto mais segura nos meus relacionamentos sabe, acho que no fundo me dá uma sensação de segurança para agir”.

Verifica-se que a prática influencia no âmbito social, mais uma vez em função dos resultados dela advindos. Grande parte das respostas concentraram-se em relatar que pelo fato da prática da musculação proporcionar uma melhora no físico, levava a pessoa a se sentir melhor consigo mesma e por conseqüência melhorar suas relações com os outros. Ou seja, em nenhum momento os benefícios transcenderam para o social, apenas contribuíram para uma melhora do social do indivíduo.

- Questão 10: Fale de seus sentimentos ao executar esta atividade.

M1) “Eu adoro fazer, eu faço com muito prazer, acho bom fazer, não faço aquilo forçado de maneira alguma”.

M2) “No começo eu fazia por obrigação, mas deixou de ser uma obrigação quando eu vi que tinha resultado”.

M3) “Não é algo que eu tenha paixão, a melhor coisa que eu vá fazer, tem vezes que eu falto, mas o fato de ter horário marcado que se eu não for vai ser cobrado da mesma maneira de qualquer forma, então eu me obrigo a ir”.

M4) “Quando eu to fazendo eu gosto”.

M5) “Fico pensando no que eu vou ter que fazer quando eu sair de lá. Na verdade eu não vejo a hora de acabar. Não é uma coisa que eu gosto, na verdade preferia fazer algum outro tipo de atividade, como dança por exemplo, só que o preço é um fator limitante”.

M6) “Não vou dizer que é algo que me dá prazer. Não é algo que me proporcione extrema satisfação ao executar. Acho que se eu não tivesse tendência para engordar não faria este tipo de atividade”.

Extrai-se através destes depoimentos que a racionalidade é usada muitas vezes para a perseguição de um determinado desejo, no caso um físico, que satisfaça as aspirações praticante, mesmo que ele não tenha extrema satisfação em executar tal prática com declarado por M6, M5 e M3.

A satisfação, o benefício também não esta no processo em si mas na expectativa de um posterior resultado como no declarado pelo entrevistado M2 que passou a gostar da prática depois que eu viu resultado.

Estas declarações encontram forte relação com a ética de comprometimento que Weber associou á racionalidade instrumental, pois esta justifica o desempenho ou o comprometimento das ações em função de seus resultados.

Também verifica-se que em nenhum momento há concentração ou consciência na prática, o que demonstra a presença da racionalidade instrumental na definição de Kalberg, com aquela acessada diariamente pela necessidade do indivíduo de atingir seus fins, inexistindo portanto qualquer tipo de questionamento.

Questão 11 Complete as frases

a) A prática da musculação pra mim é ter:

M1) "gás pra fazer outras coisa....".

M2) "disciplina, não adiante tu ir uma vez ou outra que não vai adianta nada, tu tem que ir, tem que se comprometer pra ter algum resultado, nem que seja não emagrecer".

M3) "ter um corpo bonito".

M4) "saúde".

M5) "uma vida mais saudável".

M6) "um corpo legal, que me faz sentir bem e segura de mim mesmo".

b) A prática da musculação pra mim é ser:

M1) "ser mais saudável, mais disposto mais relax, de estar bem com o corpo, de bem com a vida".

M3) "igual, assim pra mim ser...? é ter um corpo bonito, mas ser eu mesmo... em relação a ser não muda muita coisa".

M4) "ativo".

M5) "feliz mentira, até parece que eu vou fazer musculação pra ser feliz, sei lá mais saudável".

M6) "ser poderosa".

c) Vejo nesta prática um meio através do qual:

M1) "eu coloco os estresse pra fora".

M2) "eu posso atingir objetivos (físicos)".

M3) "qual eu me manter ativa me exercitar".

M4) "qual eu ganho condicionamento físico".

M6) “do qual eu posso me manter em forma e perder calorias”

As declarações dadas na questão c de M6 e M2, e na questão a de M6 exemplificam a definição de Mannheim (*apud* Ramos, 1989) da racionalidade instrumental como relaciona a atos organizados entendidos como meio de atingir uma meta designando a ação que contribui para a consecução de um objetivo.

No questionamento da questão b, foi observado certa dificuldade pela grande maioria dos entrevistados na resposta. Na declaração de M3 na questão b, isto fica evidente pois para ele a prática da musculação não influencia, nem contribui para um auto-desenvolvimento, para um aprendizado. Esta apenas limitado no aspecto de ter, que é dos elementos da ação de consumo racional. Ainda na resposta de M2 na questão a, verifica-se que embora ele tenha citado que musculação é ter disciplina, isto não é algo proporcionado pela musculação, ou seja, algo que foi aprendido e usado fora dali, mas sim um fator indispensável para atingir algum resultado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A satisfação ao se finalizar um trabalho como este é ampliada quando se percebe que o resultado final não é somente a concretização de etapas e estágios pré-definidos para conquista de um objetivo geral. O processo em si foi extremamente gratificante uma vez que proporcionou á pesquisadora, oportunidades de aprendizado, desenvolvimento, amadurecimento e evolução.

Se esta pesquisa é o necessário procedimento a ser cumprido para que se conquiste a graduação, ela executará este papel, porém fica registrado que o mais considerável e importante resultado conquistado foi a satisfação e o conhecimento adquiridos ao longo do processo. Satisfação decorrente do interesse e entusiasmo despertado na pesquisadora acerca dos assuntos abordados, principalmente por se tratar de temas que esta acredita serem fundamentais para construção de um mundo mais digno de se viver e de se conviver, bem como para o desenvolvimento de relacionamentos verdadeiros, onde o indivíduos possam se expressar com autonomia e personalidade sempre baseados em uma ética universal.

Assim sendo, verifica-se que os dados coletados permitiram demonstrar a existência em diversos momentos do uso da racionalidade substantiva bem como da instrumental nas ações de consumo, ficando evidenciado que o objetivo geral de identificar manifestações destes tipos de consumo foi alcançado.

Para a conclusão deste objetivo maior, a concretização de outras etapas, identificadas pelos objetivos específicos também tiveram que ser vencidas. Verificou-se isto através da fundamentação e da exploração teórica acerca da racionalidade bem como de suas relações e influências sobre o consumo, que permitiram a identificação e elaboração de um quadro (Quadro 1, p.37) que identificou os principais elementos e características da ação de consumo racional substantiva e da ação de consumo racional instrumental. Através deste quadro,

complementado pelo restante da teoria, foi possível proceder com a elaboração do questionário para a coleta de dados bem com a análise e interpretação deste.

Embora não fosse objetivo da pesquisa, pode-se identificar claramente a predominância de elementos da ação de consumo racional substantiva entre os consumidores da prática do yoga e em contraponto a predominância de elementos da ação de consumo instrumental entre os que escolheram como atividade física a musculação.

Isto talvez seja uma consequência lógica, um reflexo das propostas e objetivos a que se propõe cada atividade.

O yoga é uma atividade que transcende, e muito, atingir o simples benefício de estar ativo, de praticar uma atividade física. Como destacado por Yengar (2001) o yoga é um caminho de auto-realização, que não trabalha apenas o nível físico; "é celular, mental e espiritual, envolvendo o homem na totalidade do seu ser". É ainda um meio que traz saúde e harmonia ao corpo a mente e alma e desta forma permite que você proporcione "saúde e harmonia para os que estão a sua volta e ao mundo, não se alienando, mas sim sendo um órgão vivo e sadio do corpo da humanidade".

Destas poucas linhas que definem a proposta do yoga podemos extrair vários elementos da ação de consumo racional substantiva como a consideração pelo social, a questão se enxergar-se como parte de algo maior, o desenvolvimento da consciência, o desenvolvimento de todos os aspectos do ser humano entre outras. Estes e outros elementos da ação de consumo racional substantiva foram manifestados em diversas declarações pelos praticantes de yoga no qual se destacaram, por exemplo, a consideração de fatores e valores que vão além dos puramente práticos e convenientes como a integridade, ética, a autonomia e a interação. Pelo fato do consumo no geral e da prática de uma atividade física especificamente, ser algo, a princípio, estritamente voltado para o indivíduo, acreditava-se também ser difícil encontrar declarações que poderiam colaborar para a manifestação da ação

racional de consumo substantivo em um de seus aspectos mais característicos, a preocupação e a consideração com o social, porém este elemento encontrou exemplos claros em dois momentos da coleta de dados. Outro ponto que merece destaque foi a presença da racionalidade substantiva nas diversas respostas que indicaram claramente percepções inteligentes das inter-relações dos acontecimentos numa situação determinada, ou seja, a ocorrência de um aprendizado. Além disso, por diversas vezes identificou-se que benefícios como autodesenvolvimento, satisfação, evolução, consciência, saúde física, mental e espiritual foram, e estão sendo encontrados, durante o processo não existindo qualquer expectativa com relação a resultados esperados.

No que tange a musculação a presença freqüente dos elementos constituintes da ação de consumo racional instrumental foi manifestada principalmente na consideração de aspectos essencialmente práticos e econômicos como localização, preço aparelhos e aulas oferecidas para a escolha do local, bem como em relação aos benefícios e objetivos advindos da prática que sempre limitaram-se ao âmbito individual. Além disto características como a de enxergar no ato de consumo um meio de exercer sua cidadania no mundo social e a de construir relações, a influência de fatores e externos e a busca por resultados e objetivos também puderam ser verificadas. Como aconteceu no yoga, esta verificação talvez seja conseqüência da própria proposta da musculação que sempre esta vinculada por exemplo a objetivos individuais e predominantemente estéticos.

A pesquisa identificou indícios de que o consumo de determinada atividade em alguns casos foi fator estimulante para o uso e o desenvolvimento de determinada racionalidade. Isto ficou mais claro entre os praticantes de yoga que manifestaram com maior evidência a presença da racionalidade substantiva, muitas vezes decorrente de mudanças e transformações advindas do processo. Este, pode ser um grande campo a ser explorado por futuros trabalhos pois podem mostrar caminhos para o resgate da racionalidade substantiva e uma possível

reversão do quadro catastrófico em que se encontra o mundo. Se o consumidor e as relações que dele originam-se exercem influencia direta sobre a construção da sociedade, elas são também um meio, talvez o único, de guiar o mundo para esta transformação urgente que tantos falam.

Finalizando, é de grande importância o entendimento de que um consumo nunca será, em sua totalidade, completamente substantivo ou instrumental. Uma explicação lógica para isto, é de que o consumo sempre é um ato através do qual se espera algum resultado, no caso, algum benefício. Entendendo assim, verificamos que o consumo é um ato que se utiliza da racionalidade instrumental uma vez que esta interessado no resultado posterior a ele. Porém da mesma forma o indivíduo consome para satisfazer alguma necessidade ou desejo, que sempre serão subjetivos a cada indivíduo aparecendo aí a racionalidade substantiva.

O que se pretendia, portanto, não era a identificação de tipos puros, mas sim, encontrar características marcantes da manifestação da racionalidade substantiva e instrumental no consumo, o quê, esta pesquisa, acredita ter alcançado.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Cesar Ramos. Sobre a racionalidade humana: conceitos, dimensões e tendência. 17 Encontro Nacional de Pós graduação em administração, 1993, V.9, p.36-50.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. 164 p.
- CLEMES, Sandro. **Em busca de uma organização substantiva**: proposta de atuação para consultoria em micro e pequenas empresas. 1996. Trabalho de Conclusão de Estágio - Curso de Graduação em Ciências da Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- CORREIA, Guilherme Silveira; DORNELES, Simone Bochi. Uma nova concepção de criatividade na perspectiva da racionalidade. ENCONTRO DA ANPAD, 27,2003,Atibaia. Anais Atibaia:ENNPAD,2003. CD-ROM.
- EMEDIATO, Carlos. Mudança de cultura e relações de consumo. **Diálogos Akatu**, São Paulo, n.2, p.38-43, 2003
- GIANESI, Irineu G. N; CORRÊA, Luiz Henrique. **Administração estratégica de serviços**. São Paulo: Atlas, 1996.
- GIANNETTI, Eduardo. **Felicidade**: diálogos sobre o bem estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.
- GRANGER, Gilles Gaston. **A Razão**. São Paulo: Edições 70, 1955.
- LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1986.
- LASZLO, Ervin. Macrotransição: uma mudança na civilização e na cultura mundial. **Diálogos Akatu**, São Paulo, n.2, p.10-18, 2003
- LOVELOCK, Chistopher; WRIGHT, Lauren. **Serviços: marketing e gestão**. São Paulo: Saraiva, 2001.

NAVES, Gabriela. Benefícios da musculação. Disponível em http://www.scf.unifesp.br/artigos/artigo_gabi-2htm. Acesso em 02 mai.2004

OLIVEIRA, Fátima Bayma de. **A Racionalidade em questão**. 16 Encontro Nacional de Pós graduação em administração, 1992 V.6, p.72-82.

OLIVEIRA, Francisco Roberto de Souza de. **A teoria crítica e a totalização da racionalidade instrumental ou o Pessimismo da escola de Frankfurt**. 17 Encontro Nacional de Pós graduação em administração, 1993, V.9, p. 22-35.

PIZZA JÚNIOR, Wilson. **Razão substantiva**. Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro 28 (2) p.7-14,abri/jun,1994.

PONTES, Luciano Meireles. Musculação: do mito a qualidade de vida. Disponível em http://www.ondeir.rec.br/saude/artigo_rmb-040416.asp. Acesso em 02 mai.2004.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa**. 11. ed. Petrópolis : Vozes, 1986.

SERVA, Maurício. A racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, V. 37, n.2, p. 18-30, abr/jun.1997.

SLATER, Don. **Cultura do consumo e modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002

VASCONCELOS, Flávio Carvalho de. Racionalidade, ética e organizações: uma visão analítica. Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 17,1993, Salvador. Anais do 17. ENANPAD. V 9, p. 8-21.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Ed. Da UNB, 1991.

IYENGAR, B.K.S. **A árvore do ioga**. São Paulo: Globo, 2001.

APÊNDICE

ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA COLETA DE DADOS

- 1 Qual a razão que fez você escolher este tipo de prática?**
- 2 Quais os principais fatores que determinaram a escolha deste local?**
- 3 Você busca satisfazer alguma necessidade ao optar por esta prática? Qual? Explique.**
- 4 Você tem conhecimento dos objetivos, propostas e implicações deste tipo de prática?**
- 5 Qual o seu desejo, o seu sonho com a pratica?**
- 6 Cite alguns benefícios que você espera alcançar ou que alcançou com a prática?**
- 7 O que representa para você o ambiente onde você pratica a atividade? As pessoas, o local, o clima.**
- 8 Quem ou qual foi o maior motivador, o principal estímulo para você vir praticar?**
- 9 Para você a prática reflete de alguma forma em seu convívio social, no seu relacionamento com outras pessoas?**
- 10 Fale de seus sentimentos ao executar esta atividade.(satisfação, prazer ou contentamento, tédio, preguiça...)**
- 11 Complete as frases:**
 - a) A prática da musculação/yoga é ter...
 - b) A prática da musculação/yoga é ser...
 - c) Vejo nesta prática um meio através do qual...